

convergência

DEZ — 1986 — ANO XXI — Nº 198



● **VIDA RELIGIOSA E PROFETISMO**

Cardeal Jean Jérôme Hamer, OP — página 599

● **O NATAL DE JESUS: UM SINAL PROFÉTICO**

Irmã Delir Brunelli — página 603

● **PESSOA E CULTURA MODERNA NA FORMAÇÃO PARA A VR HOJE**

Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ — página 624

CONVERGÊNCIA

Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil

Diretor-Responsável:

Ir. Claudino Falquetto, FMS

Redator-Responsável:

Padre Marcos de Lima, SDB
(Reg. 12.679/78)

Equipe de Programação:

Pe. Ático Fassini, MS

Pe. Cleto Caliman, SDB

Ir. Delir Brunelli, PIDP

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Direção, Redação, Administração:

Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º andar
20031 RIO DE JANEIRO — RJ

Assinaturas para 1986

Brasil, taxa única, terrestre ou aérea:

Até 30.04.1986	Cz\$ 170,00
Exterior: marítima	US\$ 38,00
aérea	US\$ 48,00
Número avulso	Cr\$ 17,00

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Composição: Linolivro S/C Ltda., Rua Dr. Odilon Benévolo, 189 — Benfica — 20911 Rio de Janeiro, RJ.

Fotocomposição: Estúdio VM — Composições Gráficas, Ltda., Rua Escobar, 75, s. 202 — São Cristóvão — 20940 Rio de Janeiro, RJ.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Vozes Ltda., Rua Frei Luís, 100 — Centro — 25685 Petrópolis, RJ.

Nossa Capa

O Irmão Claudino Falquetto, FMS, Presidente Nacional da Conferência dos Religiosos do Brasil, lançou um concurso, em 1985, em todo o Brasil, para escolher o logotipo da CRB Nacional. Venceu o concurso o Arquiteto, Irmão Analino Zorzi, FSC, Religioso do Instituto dos Irmãos das

Escolas Cristãs, (Lassalistas), de Porto Alegre, RS. Aqui está a interpretação feita pelo Autor sobre a sua arte: "As três faixas representam os três votos que os religiosos professam. As faixas formam, visualmente, as mãos em oração, orientadas para cima, num sentido positivo, para o bem, para Deus. Ao mesmo tempo, uma faixa branca invade as mãos e as envolve: é o invisível mas presente SER que é Deus. A entrega, a oferenda do religioso e a aceitação e envolvimento de Deus estão expressos no conjunto do desenho. As mãos se encontram como os seres humanos se encontram em Deus. E é com suas mãos que os religiosos ajudam a transformar a realidade num mundo de justiça e fraternidade, servindo os homens, seus irmãos. Sugerimos a cor azul por lembrar o infinito de Deus e a eternidade do homem em Deus". Convergência vai publicar a arte do Irmão Analino Zorzi, FSC, em branco, vazado na cor, que varia em cada mês.

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do D.P.F. sob o nº 1.714-P.209/73.

SUMÁRIO

EDITORIAL	577
COMUNHÃO E PARTICIPAÇÃO NA MISSÃO	
Mensagem do Papa	579
INFORME DA CRB	582
VIDA RELIGIOSA E PROFETISMO	
Card. Jean Jérôme Hamer, OP	599
O NATAL DE JESUS: UM SINAL PROFÉTICO	
Irmã Delir Brunelli	603
A SOLIDARIEDADE COM OS POBRES COMO TESTEMUNHO PROFÉTICO	
Irmã Vilma Moreira, FI	611
PESSOA E CULTURA MODERNA NA FORMAÇÃO PARA A VIDA RELIGIOSA HOJE	
Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ....	624
ÍNDICE ALFABÉTICO POR AUTOR	
Irmã Yolanda Nascimento, MJC	638

Natal é celebração da vida, da esperança e alegria. Da Promessa que se cumpre. Da salvação libertadora que se realiza.

A pureza dos pastores de Belém nos toca. O coro dos anjos ecoa por todos os meandros de nosso coração. Sobretudo a pobreza, a entrega confiada, a feliz disponibilidade de Maria e José nos intrigam. Talvez seja porque o nosso mundo nos parece muito triste, difícil. Muito complicado. Cheio de mesquinhas e artimanhas. De consumismo e de vontade de aparecer, dominar e vencer.

Diante desse nosso mundo, a narrativa dos Evangelhos da Infância nos devolve o essencial. Enche-nos a alma de gostosa simplicidade, de percepção direta daquilo que mais convém, e da amorosa intuição dos gestos de Deus na história nossa de cada dia.

É! E é por ali que, de repente, nos percebemos envolvidos, implicados nessa história de Deus ter nascido entre os pobres de Belém. E de Nazaré! Sim, porque ali é que a Palavra se fez Carne. O Filho Unigênito se fez nosso Irmão Primogênito. E o Senhor se fez Servo para que, no amor do fraterno serviço, encontremos o caminho da libertação que nos dá.

Assim nos livra também da tentação do endeusamento de

tanta coisa em nossa vida, caprichos, dinheiro, nós mesmos... Porque nos fez ver que Deus mesmo é só Ele. Ele, o Emanuel, o Deus-conosco. Aquele que, ao ouvir nossos clamores, se fez Clamor conosco, e ali está para nos salvar. Que está no meio de nós, discretamente, silenciosamente, comprometedoramente. E que, ao se aliar conosco, não nos subjuga mas, surpreendentemente, nos liberta comprometendo-nos com a mútua libertação.

O Natal nos diz mais uma vez que Deus é fiel para com seu povo. Reafirma que Ele prossegue no meio de nós, o Emanuel. E mais uma vez nos compromete consigo, conosco, entre nós. Em fidelidade mútua, indissolúvel.

Maria e José do Natal viveram e nos ensinaram a viver na alegria simples, na esperança da entrega, no amor confiante, a fidelidade de Javé e para com Javé.

JOÃO PAULO II, no Encontro com Sacerdotes e Religiosos, em CARACAS, 1985, afirmou: "Na Virgem do Magnificat há duas estupendas fidelidades que marcam também vossa vocação: uma fidelidade a Deus, a seu projeto de amor misericordioso, e uma fidelidade a seu povo. Sede também vós fiéis a Deus e a seu projeto. Sede fiéis a vosso povo".

Não é isso também, o Natal?

Meu irmão, minha irmã, **FELIZ NATAL!**

CONVERGÊNCIA apresenta-lhe o seguinte:

VIDA RELIGIOSA E PROFETISMO, do Cardeal Jean Jérôme HAMER, OP, Prefeito da Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares. São reflexões preparadas para um pronunciamento à XIV AGO da CRB, em SÃO PAULO, em julho passado. Por falta de tempo, o Sr. Cardeal não pôde fazê-lo. Deixou, porém, o texto para posterior utilização. **CONVERGÊNCIA**, agradecida ao Cardeal HAMER por suas palavras e visita à CRB, leva a seus leitores as reflexões do Prefeito da CRIS.

O NATAL DE JESUS: UM SINAL PROFÉTICO, de Irmã DELIR BRUNELLI, CF. "A profecia é a revelação do plano salvífico de Deus, dentro da realidade concreta vivida pelo ser humano". E os "sinais proféticos" indicam "fatos, situações, testemunhos de vida que trazem as características da palavra profética. Revelam o plano libertador de Deus e, ao mesmo tempo, constituem denúncia, julgamento e apelo à conversão". Nessa perspectiva, o Natal é sinal profético por excelência.

A SOLIDARIEDADE COM OS POBRES COMO TESTEMUNHO PROFÉTICO, de Irmã VILMA MOREIRA, FI, coloca-se em clima de Advento que "é tempo de esperança. De percepção dos SINAIS

DE DEUS através do GRANDE SINAL que é o Verbo que acampa no meio de nós". Irmã Vilma, nesse clima de esperança, enfoca "especialmente a inserção nos meios populares como testemunho profético da Vida Religiosa no Brasil hoje". Essa forma de Vida Religiosa, transcongregacional, se constitui em novo modo de se compreender e viver a Encarnação de Jesus Cristo. Em novo jeito de a Vida Religiosa ser. É a "tendência mais notável da vida religiosa latino-americana", no dizer de PUEBLA 733. É o Natal que se prolonga, na construção da PAZ.

PESSOA E CULTURA MODERNA NA FORMAÇÃO PARA A VIDA RELIGIOSA HOJE: IV — VIDA RELIGIOSA E EVANGELIZAÇÃO DO MUNDO CONTEMPORÂNEO, de Pe. MARCELLO DE CARVALHO AZEVEDO, SJ. É a quarta e última parte do substancial estudo de Pe. Marcello que **CONVERGÊNCIA** vem publicando. Aqui, o autor correlaciona Vida Religiosa e Evangelização. Parte do sentido da Evangelização. Detém-se sobre a Igreja, enviada a evangelizar. Verifica a atual situação do mundo a ser evangelizado. E finalmente, delimita as grandes prioridades que a Igreja, em sua missão evangelizadora, detecta e operacionaliza na complexa realidade do mundo contemporâneo.

CONVERGÊNCIA deseja a todos **FELIZ NATAL e ANO NOVO!**

Pe. Atico Fassini, MS

COMUNHÃO E PARTICIPAÇÃO NA MISSÃO

João Paulo, II
Roma, Itália

Ainda na Nunciatura, João Paulo II recebeu em audiência os dirigentes da Confederação Latino-Americana de Religiosos (CLAR). Este Organismo representa mais de 45.000 Religiosos e de 310.000 Religiosas de toda a América Latina, e tem a sua sede em Bogotá.

Depois de ter saudado os representantes da CLAR, o Santo Padre entregou-lhes uma Mensagem, cujo texto é o seguinte:

1. Com alegria saúdo a Presidência e os representantes dos quatro Regionais da CLAR, que quisestes vir visitar-me na Nunciatura Apostólica, por ocasião da minha permanência em Bogotá, onde se encontra também a sede da vossa Confederação.

Aproveito a ocasião para saudar em vós todos os que representais, a saber, todas as Conferências Nacionais de Superiores Maiores de Religiosos da América Latina e, através delas, toda a imensa multidão de religiosos e religiosas que vivem a sua consagração e o seu serviço neste grande continente da esperan-

ça, e dos quais depende tanto a presença eficaz da Igreja no âmbito da evangelização e das múltiplas obras pastorais e de assistência.

Juntamente com esta saudação quero agradecer-vos a fidelidade ao Senhor na vossa consagração religiosa, o trabalho silencioso e eficaz de tantos religiosos e religiosas, bem como a presença e o serviço que prestam em toda a América Latina, a sua disponibilidade para colaborar com os Bispos, o seu rico e multiforme contributo à missão evangelizadora, para que resplandeça a comunhão eficaz na variedade de todos os carismas, suscitados pelo Espírito para o bem da Igreja.

2. Quero felicitar-vos também porque recentemente celebrastes os 25 anos da CLAR e recebestes, aprovados pela Santa Sé, os Estatutos da vossa Confederação Latino-Americana de Religiosos, atualizados e adaptados ao novo Código de Direito Canônico e às necessidades presentes da vida religiosa na América Latina.

Neles se fixaram com clareza a natureza e os objetivos da CLAR. A Santa Sé depositou a sua confiança na vossa tarefa, ao mesmo tempo que pede a vossa colaboração, fidelidade e responsabilidade nestes mo-

(In L'OSSERVATORE ROMANO
13 de julho de 1986, p. 4)

mentos de grande transcendência para a evangelização da América Latina e do mundo.

O vosso serviço de coordenação entre as Conferências Nacionais de Superiores Maiores de Religiosos, faz que sejais instrumento singular dessa comunhão e participação que deveis viver e promover em sintonia plena com toda a Igreja na América Latina.

Como religiosos, pela dimensão eminentemente comunitária da vossa vida consagrada, tendes de ser testemunhos de comunhão eclesial, dentro da variedade e complementariedade dos vossos próprios carismas e das vossas tarefas específicas de apostolado.

3. Estais chamados a promover a comunhão eclesial com o Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) e com cada uma das Conferências Episcopais, com o devido respeito e submissão aos Pastores das Igrejas particulares, aos quais o Senhor confiou o governo de cada porção da Igreja, que são as dioceses nas quais os religiosos devem estar integrados em comunhão com os outros membros do Povo de Deus.

Do mesmo modo incumbe-vos o trabalho de coordenação entre os diversas Conferências Nacionais de Superiores Maiores, a fim de favorecer o conhecimento mútuo, a colaboração e a formação de tantos religiosos e religiosas na América Latina, o que redundará num enriquecimento de vida espiritual e de experiências apostólicas.

A confiança que em vós depositam os religiosos e as religiosas deste continente, é motivo de responsabilidade para que a CLAR manifeste em tudo uma firme adesão ao Magistério do Papa, às diretrizes da Santa Sé e dos Bispos, e promova a autenticidade da vida religiosa e dos diversos carismas, respeitando e favorecendo no diálogo comum a índole própria de cada Instituto.

4. É imenso o potencial evangélico e eclesial que a vida religiosa desenvolveu na evangelização da América Latina. Quando já se iniciou a novena de preparação das celebrações do Quinto Centenário da Evangelização, convém recordar a responsabilidade que incumbe aos religiosos nesta nova evangelização do continente, pondo diante de vós o amor dos vossos Fundadores e Fundadoras pela Igreja, pela sua expansão missionária, pela sua presença salvadora em todas as latitudes e em todos os setores da sociedade.

Nesta nova evangelização para a qual a Igreja na América Latina, está convocada, escrevei novas páginas de santidade e de entrega ao vosso ideal evangélico de pobreza, castidade e obediência, em todos os lugares e ambientes nos quais estais presentes. Seja a oração a fonte vital da vossa permanente consagração. Como o expressei na Encíclica "Dominum et Vivificantem", "a nossa época difícil tem particular necessidade da oração" (n. 65). Com a vossa oração contribuireis de modo eficaz para a renovação da vida espiritual que, sem dúvida, redundará na autenticidade evangélica do vosso testemunho em favor dos mais ne-

cessitados, "num trabalho humilde e silencioso" (cf. *Puebla*, 733).

5. Sabeis bem que a vossa missão é a do serviço e que o serviço eclesial tem sempre o selo inconfundível da comunhão e da participação para a missão. Estai sempre ao serviço da vida religiosa, para que não diminua nunca o anseio de serdes "seguidores de Cristo", sinais da presença da ação do Espírito, filhos fiéis da Igreja e colaboradores na difusão do Evangelho, entre todos os religiosos e religiosas da América Latina.

Vós, que sois peritos em vida evangélica, escrevei com a vossa vida o Evangelho de Jesus nesta terra e nesta época, tornando Cristo presente na múltipla e variada expres-

são do seu amor ao Pai e aos irmãos. Que o vosso apostolado seja uma consequência do vosso encontro, imitação e configuração com o Senhor.

Ajude-nos nesta tarefa a Virgem Maria, tão querida por todos os povos latino-americanos. Ela é o modelo perfeito da fidelidade e do serviço, da comunhão com Cristo e da abnegada cooperação com toda a sua existência na obra da salvação. A Ela vos encomendo, para que a sua recordação seja sempre para todos vós motivo de fidelidade na vossa consagração e de generoso serviço evangélico em comunhão plena com a missão da Igreja.

Com a minha Bênção Apostólica.

Igreja Católica & Outras. A hora do leigo

A Diocese de Nova Iguaçu, no Estado do Rio de Janeiro, abrange toda a cidade com seus dois milhões de habitantes. Seu bispo, o franciscano, Dom Adriano Hipólito, fez um levantamento da presença e da atividade religiosa da Igreja Católica e de outras confissões. Com os dados, traçou alguns mapas. Um destes mapas oferece os **sinais** (igrejas, templos, escolas, comunidades eclesiais de base, etc.) da Igreja Católica e de outros grupos religiosos. Na Paróquia da Catedral, que oferece atuante serviço pastoral, para **oito sinais** da Igreja Católica, há 60 templos protestantes, terreiros de umbanda e templos do racionalismo cristão, isto é, 11,76% contra 88,24%. Já a Paróquia do Riachão, zona periférica, apresentava **dez sinais** da Igreja Católica contra 205 de outras confissões. O mesmo deve acontecer na periferia de qualquer outra cidade do Brasil.

Para ocupar estes espaços vazios, só o laicato, a "laicização" da Pastoral, ou seja, a irradiação evangélica confiada ao leigo, em sua liberdade profética. As Comunidades Eclesiais de Base são uma tentativa séria e eficiente nesta linha (**Pe. Marcos de Lima, SDB**).

INFORME

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

CARDEAL JEAN JÉRÔME HAMER, OP, PREFEITO DA CRIS, AO PRESIDENTE NACIONAL DA CRB

Cidade do Vaticano, 4 de agosto de
1986 Prot. n. SR 2.881/86

Estimado Irmão Claudino

Devo agradecer-lhe mais uma vez. Minha estadia no Brasil, possibilitada graças à sua iniciativa, foi, penso, muito positiva. É meu primeiro contato pessoal e direto com a CRB. Demos início a um diálogo fraterno e muito leal que poderá agora se prolongar em excelentes condições quaisquer que sejam os problemas que tenhamos a enfrentar e resolver em conjunto.

Muito obrigado por ter generosamente assumido os gastos de viagem para Pe. Eusébio, Pe. Filippo e eu mesmo. Essa generosidade é o sinal tangível do interesse que teve por nossa presença.

Sempre que se apresentar algum motivo não hesite em me escrever com toda a simplicidade. Farei o mesmo.

“O Brasil é um grande país com grandes problemas”, disse-me um Bispo. Por minha parte acrescento: é um país que também tem um grande e belo dinamismo e muito grandes recursos re-

ligiosos e humanos. De mais a mais ele encontra em seu incontestável afeto à pessoa do Santo Padre o apoio de que precisa.

Creia, estimado Irmão CLAUDINO, em meu religioso devotamento.

**Jean Jérôme Cardeal HAMER,
OP**

ENCONTRO DO PAPA JOÃO PAULO II COM A CLAR

Ir. Claudino Falquetto, FMS

Por ocasião da visita à COLOMBIA, de 1º a 7 de julho de 1986, o Papa JOÃO PAULO II recebeu em audiência particular a Presidência da CLAR que se fez acompanhar por Representantes das Conferências de Religiosos do México, Colômbia, República Dominicana, Haiti, Bolívia, Paraguai, Uruguai e Brasil. Pelo Brasil, além do Pe. JOÃO EDÊNIO DOS REIS VALLE, SVD, Vice-Presidente da CLAR e da CRB, e de Irmã HERMENGARDA ALVES MARTINS, RSCJ, Secretária Geral da CLAR, participou também o Irmão CLAUDINO FALQUETTO, FMS, Presidente Nacional da CRB.

O encontro ocorreu na sede da Nunciatura Apostólica, em BOGOTÁ, e du-

rou aproximadamente meia hora, durante a qual o Papa demonstrou particular carinho e atenção aos Religiosos do Continente e à CLAR que congrega as diferentes Conferências de Religiosos da América Latina.

Recebido com o canto "A barca", pelos presentes, cantou com eles, e após a saudação do Presidente da CLAR, Pe. LUIS UGALDE, SJ, comentou as palavras do canto, fazendo aplicações à Vida Religiosa.

Nesse encontro foram pronunciados dois discursos que oferecemos aos leitores de CONVERGÊNCIA: — o discurso do Presidente da CLAR e a alocução do Papa que se constitui num claro reconhecimento das atribuições da CLAR, e renovado incentivo para o prosseguimento dos objetivos da mesma instituição.

SAUDAÇÃO DIRIGIDA AO SANTO PADRE PELO Pe. LUIS UGALDE, SJ, EM NOME DA CLAR, NO ENCONTRO DO DIA 2 DE JULHO DE 1986 em BOGOTÁ.

"SANTO PADRE:

"Com a confiança que os filhos depositam no Pai, e como Representantes dos 160.000 Religiosas e Religiosos do Continente, unidos na Confederação Latino-americana de Religiosos — CLAR —, queremos expressar nossa filial saudação e a profunda alegria que em cada um de nós gera esse encontro familiar com o Servidor dos Servidores de Deus que vem confirmar nossa fé e dar-nos novo impulso para viver e anunciar o Evangelho de Jesus Cristo em pobreza e liberdade de espírito.

"Cada vez que Vossa Santidade visita um de nossos países, visita a nós todos e nos anima a tudo dar pelo Evangelho.

"Temos presente o convite feito aos Sacerdotes, Religiosas e Religiosos durante sua última viagem à América Latina: "Na Virgem do Magnificat há duas estupendas fidelidades que marcam também vossa vocação: uma fidelidade a Deus, a seu projeto de amor misericordioso, e uma fidelidade a seu povo. Sede também vós fiéis a Deus e a seu projeto. Sede fiéis a vosso povo" (CARACAS, Encontro com Sacerdotes e Religiosos, Janeiro de 1985). Sentimos que essa expressão define a identidade evangélica de nossa vocação de consagrados.

"Fidelidade a Deus e ao povo, é o clamor que ouvimos hoje de nossos povos que tanto amam a Igreja e dela esperam nova e vigorosa evangelização:

"Evocamos a presença feita testamento espiritual por milhares de homens e mulheres que com radicalidade semearam a fé nessa terra americana, fé que se faz forte no coração de nossos povos.

"A Vida Religiosa latino-americana quer ser cada vez mais fiel ao caminho de renovação assinalado pela Igreja no Concílio Vaticano II, em Medellín e em Puebla. Procuramos fazer nossa a "clara e profética opção preferencial e solidária pelos pobres" (Puebla 1134).

"Nossa vocação de Religiosos, dom do Espírito à sua Igreja, nos faz ouvir esse premente chamado eclesial. Para responder a ele, Religiosas e Religiosos cada vez mais numerosos, movidos pelo Espírito e alentados por seus Pastores, Superiores e Documentos Eclesiais, fo-

ram se inserindo "em regiões marginalizadas e difíceis, em missões entre indígenas" (Puebla 733) para seguir fielmente a Jesus no anúncio da Boa Nova aos pobres. É um dom que nos converte e renova e que chega a ser fonte inspiradora para toda a Vida Religiosa.

"Como toda presença de Deus, a inserção nos interpela, nos questiona, não nos exime de conflitos. A fidelidade ao Espírito nos impele a ser conseqüentes com esse dinamismo desencadeado entre nós e a iluminar nosso próprio carisma desde a esperançosa perspectiva da inserção (IX Assembléia Geral da CLAR, 1985). Nesse caminho de fidelidade encontramos um profundo desejo de espiritualidade contemplativa e libertadora que nos leva a ver o rosto de Cristo no rosto dos pobres e dos que sofrem.

"E como Jesus, pedimos ao Pai que venha seu Reino e oferecemos nossa vida no esforço de torná-lo presente na história como anúncio esperançoso da plenitude que transcende os tempos.

"Santo Padre, com alegria verificamos um incremento nas vocações; a Vida Religiosa é uma opção para a juventude da América Latina e a formação é um desafio para os Religiosos.

"A publicação que hoje entregamos a Vossa Santidade reflete a generosa resposta da juventude ao chamado do Senhor e a exigência que este fato representa para que a Vida Religiosa e a Igreja Latino-americana saibamos oferecer a essa juventude generosa, uma formação profunda e adaptada às características do jovem, às urgências da fé, justiça e paz de nossos povos.

"Semente de esperança é também o sangue de nossos mártires que em terras americanas foram achados dignos de dar a vida por seus irmãos, em fidelidade a Deus no meio de seu povo. Em verdade experimentamos o fato de que a entrega de sua vida é grão que frutifica em espiga de novas vocações cristãs e religiosas.

"A Vida Religiosa aprofunda sua crescente abertura e compromisso apostólico na Igreja Particular, guiada pelo Bispo. Vivemos hoje uma grande fraternidade intercongregacional que nos abre à comunidade inteira graças ao caminho da comunhão e participação.

"Ao aproximar-se a celebração do V Centenário da Evangelização da América, nos sentimos chamados a dar novo impulso à mesma, fomentando de modo especial a compreensão e vivência da Palavra de Deus na realidade de nosso povo.

"Santo Padre, atentos à sua orientação apostólica e com filial e firme adesão, desejamos frutífera visita pastoral à Colômbia e imploramos sua paternal bênção para todos os Religiosos da América Latina".

ATA DA REUNIÃO CONJUNTA DA PRESIDÊNCIA DA CNBB E DIRETORIA NACIONAL DA CRB

A 27 de junho foi realizada a segunda Reunião Conjunta da Presidência da CNBB e Diretoria Nacional da CRB, nesse ano de 1986. A reunião foi instalada às 9hs30, na sede nacional da CRB, no RIO DE JANEIRO. Presentes,

pela CNBB, os Srs. Bispos Dom IVO LORSCHTEITER, Presidente, Dom BENE-DITO DE ULHOA VIEIRA, Vice-Pres-dente, Dom LUCIANO MENDES DE AL-MEIDA, SJ, Secretário-Geral, e Dom DAVI PICÃO, Responsável pela Vida Religiosa junto à CNBB: pela CRB, Ir-mão CLAUDINO FALQUETTO, FMS, Pre-sidente, os Diretores Ir. SILVINO JOSÉ FRITZEN, FSSC, Irmã CÉLIA CERVEIRA, SSD, Pe. PEDRO IVO WEBER, SJ, Ir. ARLINDO CORRENT, FMS, Irmã DOMÊ-NICA LANHI, SMR, Irmã MAGDA MA-RIA FONCECA, SDS, Irmã PATRÍCIA HELEN NEIHOUSE, CSJ, e os Secretá-rios Executivos Irmã TERESINHA PE-GORARO, CSJ e Pe. ATICO FASSINI, MS.

Em clima de fraterna espontaneidade foram ofertados alguns livros recente-mente editados quer pela CNBB, quer pela CRB. Dom IVO então solicitou ao Irmão CLAUDINO que conduzisse os trabalhos da Reunião Conjunta.

PAUTA:

1. Fundação de novas Congrega-ções: — Irmã TERESINHA havia pedido ao canonista Pe. JESUS HORTAL, SJ a elaboração de texto explicativo sobre o processo de fundação e organização jurídico-canônica de Congregações Re-ligiosas. Essa providência veio em res-posta a uma necessidade que tanto Bis-pos quanto Responsáveis por novas Congregações no Brasil vinham sen-tindo. O texto é lido pelos presentes. Dada sua utilidade, deverá, a pedido de Dom IVO e com o apoio dos presentes, ser publicado no COMUNICADO MEN-SAL DA CNBB. No mesmo COMUNI-CADO MENSAL deverá ser publicada também a lista das Congregações Re-ligiosas brasileiras já aprovadas, quer

de direito pontifício, quer de direito diocesano.

2. Instituto Missionário: — Pe. ATI-CO aduz explicações sobre os passos dados nesse assunto, desde a última Reunião Conjunta. Comenta os contac-tos mantidos e as atas de duas reuniões do grupo ligado à Faculdade de Teolo-gia N. Sra. da Assunção, em SÃO PAU-LO, grupo interessado na criação de um Curso de Pós-Graduação em Missio-logia. Mas há outros organismos empe-nhados na preparação de Missionários. Apesar do interesse, não se vê bem ainda como conjugar todas as forças, sobretudo porque, hoje, não há só Re-ligiosos que partem "ad gentes", mas também Sacerdotes diocesanos e Lei-gos. Para além disso, Dom IVO lembra que uma obra dessa natureza depende muito de pessoa carismática, dotada por Deus para tanto. No debate do as-sunto, surge a idéia de que o COMINA veja essa questão, e, quem sabe, possa coordenar todas as forças interessadas num Instituto Missionário que organize cursos de breve duração para Missioná-rios que partem para o exterior. O curso acadêmico, de pós-graduação, da Fa-culdade de Teologia N. Sra. da Assun-ção, em SÃO PAULO, poderia também prestar sua colaboração, nesse projeto. Dom IVO sugere que o COMINA, em sua próxima reunião, estude então esse assunto. Sugere também que a CRB promova, quanto a essa questão, uma sondagem junto a Congregações que enviam Missionários "ad gentes". Con-cluiu-se por fim, que o CERIS deverá ser contactado para que, se possível, proceda junto a essas mesmas Congre-gações Religiosas, a uma pesquisa de interesses, necessidades e anseios no tocante a esse problema. Não se pode

esquecer porém, que a preparação de Missionários deve ter sua complementação no próprio país a que o Missionário é enviado, a exemplo do que é feito pelo CENFI, no Brasil.

3. Visitas apostólicas aos Seminários Religiosos: — Esse assunto apareceu na última Assembléia Geral da CNBB. Pe. ATICO, que esteve presente a esta Assembléia, lança, na Reunião Conjunta, a pergunta sobre se essa visita seria estendida aos Seminários Religiosos também. Dom IVO esclarece que o assunto está sendo estudado junto à SÉ APOSTÓLICA. Informa que, em princípio, a visita se restringe aos Seminários Diocesanos. É possível, no entanto, que sejam visitados também Seminários Religiosos ligados à formação seminarística diocesana.

4. Transferência de Seminaristas de um Seminário para outro: — Esse tema fez parte da agenda da última Assembléia da CNBB. Na verdade, por falta de tempo, foi rapidamente abordada. Como isso tem relação com os Religiosos, foi levantado na presente Reunião Conjunta. Há muitos casos concretos, nem sempre encaminhados conforme o direito, a prudência e o bom senso. O diálogo que se seguiu não definiu medidas concretas de ação, nesse particular.

5. O momento atual civil e eclesial: — Alguns assuntos de relevo na conjuntura atual foram objeto de comentário: a) Reforma agrária: Dom BENEDITO relata os fatos ocorridos recentemente nesta área na qual a CNBB tem grande interesse. Dom LUCIANO descreve o clima de violência que envolve, nesse momento, a questão agrária; b) A CPT foi objeto de comentários da parte

dos Srs. Bispos, para esclarecer perguntas feitas pelos presentes; c) Processo Constituinte: Dom BENEDITO sublinha a importância dessa questão, e comenta o projeto de Dom HELDER CÂMARA que se dispõe a percorrer o país em pregação de esclarecimento quanto a isso; d) Visita de Dom LUCIANO ao PAPA: Dom LUCIANO apresenta algumas informações relativas a essa recente visita, por ocasião da qual também esteve com o Cardeal HAMER, Presidente da CRIS, para detalhar a viagem do Cardeal ao Brasil em julho. Dom HAMER virá para participar da XIV Assembléia Geral da CRB, em SÃO PAULO, de onde seguirá para SANTA MARIA, RS, e BRASÍLIA; e) Coleção TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO: Dom IVO fez alguns comentários sobre essa questão.

6. Vinda do Cardeal JEAN JÉRÔME HAMER, OP ao Brasil: esse item da Pauta foi objeto de consideração acima, no item 5.d).

7. Comunicações sobre a XIV AGO da CRB: — Pe. ATICO expôs brevemente o panorama da preparação da XIV Assembléia Geral Ordinária (AGO) da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), a se realizar de 21 a 26 de julho de 1986, em SÃO PAULO. Algumas perguntas a esse respeito são esclarecidas. Dom IVO, Dom LUCIANO e Dom DAVI asseguraram sua presença em parte ao menos, da Assembléia. Dom PAULO EVARISTO ARNS, Cardeal de SÃO PAULO, também dará presença. E Dom ALOÍSIO LORSCHIEDER, Cardeal de FORTALEZA, orientará a Manhã de Espiritualidade prevista para a XIV AGO.

8. Assuntos diversos: — Destacam-se os seguintes: a) Repercussão do Se-

minário sobre Igreja e Democratização da Escola, realizado no início de maio, sob o patrocínio da CNBB, CRB, AEC e IBRADES, e do 1º Encontro Nacional da Pastoral da Saúde também realizado em maio, por decisão da CNBB e CRB: o tempo é curto para se perceber o alcance e desdobramento desses dois eventos. Ambos porém, foram muito bem recebidos pelos Srs. Bispos e Superiores Maiores; b) Centro Nacional de Revitalização da Pessoa: procurado por Sacerdotes e Religiosos, esse Centro é mantido por um grupo de especialistas, em PETRÓPOLIS, RJ. Dom IVO solicita algumas informações a respeito, e como tem interesse em conhecer mais de perto essa iniciativa, pede a Dom LUCIANO que entre em contacto com essa entidade. Por sua vez, Irmão CLAUDINO sugere que Pe. JOÃO EDÊNIO REIS VALLE, SVD, Vice-Presidente da CRB e da CLAR, também faça uma visita à Direção desse Centro, para que se conheçam mais de perto seu método de trabalho e conteúdo; c) FOCCOLARINI: Dom IVO informa que, no tocante ao interesse dos FOCCOLARINI no BRASIL, objeto de consideração na última Reunião Conjunta, soube que obtiveram eles a ajuda do ADVENIAT para a construção de um Centro de Formação. A ajuda foi obtida antes mesmo que a Presidência da CNBB apresentasse carta de recomendação. Importa que esse projeto venha a serviço da Igreja, e respeite o carisma e espiritualidade congregacional dos Religiosos que eventualmente usufruam dessa iniciativa.

Às 16hs, concluído o previsto em Pauta, Ir. CLAUDINO adverte que essa é a última Reunião Conjunta entre a Presidência da CNBB e a atual Dire-

toria da CRB, uma vez que nova Diretoria será eleita na próxima Assembléia da CRB. Agradece aos Srs. Bispos o apoio recebido, o clima de fraterno diálogo, a presença de Pastores na comunidade eclesial. Dom IVO retribui os agradecimentos, afirmando que as Reuniões Conjuntas são valiosas e ansiosamente esperadas até, e que elas são momento de graça e motivo de inveja santa para muitos países da AL.

Confirmados data e local da próxima Reunião Conjunta, a 30 de outubro próximo, com início às 16hs30, na sede da CNBB, em BRASÍLIA, encerra-se a presente reunião, com louvores ao Senhor e à Santa Maria, Mãe de Deus.

RIO DE JANEIRO, 27 de junho de 1986.

PARECER DO CONSELHO SUPERIOR DA CRB TRIÊNIO: 1983-1986

Na avaliação do desempenho do Executivo Nacional, no triênio 83/86, o Conselho Superior procedeu em duas etapas:

(1) Análise da programação e das atividades de animação da vida religiosa.

(2) Análise da gestão administrativa.

1. Cotejando as atividades e programas desenvolvidos no triênio, de acordo com os relatórios anuais, com as prioridades estabelecidas na XIII AGO, gostaríamos de salientar os seguintes pontos:

1.1. Mediação do Pobre e inserção nos meios populares: a CRB incentivou constantemente através de Seminários e de outras atividades a caminhada para um modelo alternativo de vida re-

ligiosa, inspirado pela solidariedade evangélica para com os pobres. Deu grande impulso à tendência para a inserção da vida religiosa entre os mais pobres, acolhendo, apoiando e divulgando as experiências autênticas.

1.2. Identidade, carisma e missão dos/as religiosos/as: Neste ponto convém ressaltar a influência de "Convergência", a partir de uma clara mudança de linguagem, conforme fora solicitado na última AGO: antes os assuntos eram tratados em nível quase exclusivamente teológico; hoje os artigos são mais acessíveis e concretos nas suas propostas espirituais, formativas e pastorais. Importante tem sido também a atenção dada às Congregações Brasileiras, através da Equipe de Coordenação das Superiores Gerais no intuito de ajudá-las a aprofundar a sua identidade. De modo geral também os encontros e cursos promovidos pela CRB, especialmente CETESP e CERNE, têm se preocupado em sublinhar esta dimensão.

1.3. Formação integral adequada à nova situação:

— A formação tem merecido atenção especial da CRB como ponto crítico da vida religiosa atual. A ênfase no discernimento espiritual evita que a busca de novos caminhos sacrifique valores fundamentais. A formação em inserção é apresentada como filão promissor. Em função do tipo de missão assumida pelos/as religiosos/as, a CRB não pretende excluir, porém, outros esquemas de formação nos quais a inserção em meio popular corresponde apenas a estágios mais ou menos prolongados.

— Programas como o CETESP, o CERNE e o PRO-FOCO devem continuar

a ser priorizados como contribuição significativa para a formação inicial ou permanente dos/as religiosos/as. A avaliação do CETESP, através do amplo levantamento realizado, comprovou o acerto básico do seu enfoque e proporcionou o aprimoramento de sua programação. Quanto ao PRO-FOCO, que superou felizmente certos obstáculos, importa manter e ampliar esta iniciativa original, dada a sua notável aceitação por parte das contemplativas, que se sentem enriquecidas pelo contato das comunidades entre si e com a dinâmica da vida religiosa no Brasil.

1.4. Autoridade e governo: Para a renovação desta dimensão a CRB Nacional tem contribuído sobretudo pelo exemplo de poder-serviço.

1.5. Educação e Juventude: Neste setor as dificuldades de abertura para a dimensão profética da vida religiosa têm sido maiores. A CRB tem incentivado os/as religiosos/as a viver a missão educativa de acordo com a sua identidade religiosa. Por outro lado, através de atividades como o recente Seminário de Superiores Maiores em Mendes, fomenta a educação popular, que precisa alcançar um lugar muito mais expressivo no trabalho educativo dos/as Religiosos/as.

1.6. Saúde: É patente o esforço por parte da CRB para dinamizar esta área, onde há ainda muito que fazer em termos de atuação a nível estrutural (saúde preventiva, sistema hospitalar, etc.).

2. Sob o aspecto administrativo a gestão do Executivo Nacional alcançou as metas estabelecidas, dentre as quais destacamos:

2.1. Fiel execução dos programas e atividades planejadas, revelada através de primorosos Relatórios, que oferecem visão objetiva de tais eventos.

2.2. Oportunidade e bom nível dos Cursos e Seminários, quanto à organização e conteúdos.

2.3. Aplicação da estratégia de descentralização na execução das atividades, com participação efetiva das Regionais.

2.4. Adoção de novas iniciativas de animação da vida religiosa.

2.5. Criação das duas novas Regionais: Teresina e Cuiabá.

2.6. Esforço bem sucedido para obtenção de novos elementos para os serviços de coordenação, eliminando a sobrecarga de trabalho apontada anteriormente.

2.7. Integração da Diretoria e dos membros do Executivo entre si e com os demais funcionários da sede nacional, num ambiente de trabalho e harmonia.

2.8. Desenvolvimento de um clima de confiança e comunhão com as Regionais e os/as religiosos/as em geral.

2.9. Bom relacionamento com a Santa Sé, Igrejas locais, CNBB, CLAR, etc.

2.10. Eficiência da administração financeira, levando à consolidação econômica da instituição, que caminha para a auto-sustentação.

2.11. Simplificação dos procedimentos administrativos com redução dos custos operacionais.

2.12. Oferta de bolsas para participação em suas atividades, sistema que convém ampliar na medida dos recursos disponíveis levando em conta a realidade das Congregações e o gênero de missão desempenhada pelos candidatos.

3. Voto de louvor: A segurança e dinamismo com que o Executivo Nacional vem atuando em vista dos objetivos da CRB e das recomendações da Assembléia mereceram o voto de louvor unânime do Conselho.

Rio de Janeiro, 02 de julho de 1986.

Pe. Olívio José Bedin, MS

Ir. Nair dos Reis, MJC

Frei Jaime Biazus, OFM Cap

Pe. João Augusto Anchieta Amazonas
Mac Dowel, SJ

Ir. Ilda Maria Alochio, J.SSmª Euc.

Pe. Raimundo Benevides Gurgel, SDB

Ir. Maria de Lurdes Gascho, CF

O CETESP APÓS A XIV ASSEMBLÉIA GERAL

Na última comunicação feita sobre a caminhada do CETESP apresentamos as etapas da ampla avaliação e as conclusões que nos pareceram mais importantes.

Gostaríamos de esclarecer um pouco mais aquelas conclusões, conforme o fizemos na última XIV AGO. Sem insistir mais nos OBJETIVOS, já suficientemente esclarecidos, nas nossas viagens de avaliação, aos Superiores Maiores presentes, apresentamos hoje para conhecimento de todos os interessados, aqueles aspectos que tocam a estruturação do Curso e que nortearão daqui para a frente o desenrolar dele.

No CETESP foram reconhecidos como válidos, atuais e portanto devendo permanecer os assim chamados EIXOS em que se fundamenta o Curso: psicológico, teológico e espiritual. A estruturação e entrosamento entre eles possibilita a "experiência" interior em profundidade, do Cetepista; esta "experiência" pessoal e comunitária é que dá a originalidade ao CETESP.

Durante o CETESP o cursista vive três momentos de síntese:

1. Os dias de RETIRO FINAL, preparados pela oração ao longo do Curso e pela orientação espiritual, representam o momento mais forte de síntese da experiência interior, pessoal.

2. Os dias de APROFUNDAMENTO seja para recapitulação e assimilação da matéria, seja para elaboração do trabalho, momento forte de síntese do conteúdo experienciado.

3. Os dias de RE-LEITURA do processo, no final do Curso, com a duração de dois dias, momento forte de síntese global, envolvendo os itens anteriores.

A CRB nacional continuará a oferecer como meio de reciclagem para Cetepistas, os Exercícios Espirituais de 30 dias. Através das Regionais e eventuais programações do GRF (Grupo de Reflexão sobre Formação) nacional surgirão novas possibilidades.

A nova proposta do CETESP ficou esquematicamente assim elaborada:

Dimensão teológica. Deus Uno e Trino. Cristo, Igreja e Maria. Outras matérias auxiliares.

Dimensão psicológica. Abertura. Entrosamento, Psicologia da Personalidade. Vivência comunitária.

Dimensão espiritual. Seminário de Oração. Orientação espiritual. Oração orientada. Discernimento espiritual.

Estudo da Vida Religiosa. História da Vida Religiosa. Teologia da Vida Religiosa. História da espiritualidade. Carisma. Votos.

Estudos teológicos. Igreja na conjuntura atual. Espiritualidade bíblica e Inserção da Vida Religiosa. Graça e reconciliação. Moral.

Formação. Discernimento vocacional. Formação inicial. Formação permanente.

Estudos da realidade. Realidade brasileira. Religião do povo. Consciência crítica.

A previsão de duração dos próximos CETESPs está calculada para quatro meses e meio, mais ou menos 110 dias úteis, assim distribuídos: 80 dias — aulas, 03 ocasiões de aprofundamento (mais ou menos 13 dias), 04 ocasiões de Orações Orientadas (mais ou menos 06 dias), o Retiro final Orientado de 08 dias, e 02 dias de passeios comunitários.

Írmã Lucília, com o trabalho de avaliação, deixou sua atuação direta no CETESP, com gratidão. Aproveitamos o ensejo para comunicar a liberação de Írmã Maria Eunice de Oliveira para substituí-la. Agradecemos, com toda a CRB, à Província das Clarissas Franciscanas do SSmo. Sacramento este presente que certamente voltará à Congregação, acrescido de bênçãos do Senhor.

A título de informação, o próximo Retiro Inaciano de 30 dias para Catepistas será em Itaicí (SP), no mês de janeiro de 1988, coordenado pelo jesuíta peruano Ricardo Antoncich. Provavelmente, ao Retiro seguir-se-á um Cursinho de adestramento para ajudar em Retiros, a partir dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio.

Com a esperança teológica no coração, prosseguiremos 'buscando o alvo'.

Ir. Lucília Maria de Freitas, SSD
Pe. Paulo Lisboa, SJ

CRB REGIONAL DE FORTALEZA, SEMINÁRIO PARA FORMADORES

De 8 a 15 de setembro de 1985, uma equipe de nove Formadores da CRB Regional de Fortaleza participou do SEMINÁRIO NACIONAL PARA FORMADORES realizado em RECIFE e promovido pela CRB Nacional. Essa equipe se comprometeu multiplicar esse mesmo Seminário em Fortaleza, para atingir Formadores, Promotores Vocacionais e outros interessados no assunto. Este Seminário aconteceu no CENÁCULO, de 13 a 16 de março de 1986. Teve como tema: "O ACOMPANHAMENTO PESSOAL NA FORMAÇÃO À VIDA RELIGIOSA E/OU SACERDOTAL".

Religiosos, Religiosas, membros do Clero Diocesano e uma leiga, num total de 50 pessoas, participaram dessa promoção da CRB Regional. O objetivo era:

- a capacitação pessoal para o Acompanhamento Pessoal;
- o conhecimento de si, por parte do Formando, para ajudá-lo a

crescer integralmente em todas as dimensões da vida.

O conteúdo do Seminário constou do seguinte:

1. Acompanhamento Pessoal (AP) na Formação: conceitos, elementos constitutivos, objetivos, áreas, critérios.
2. Recursos no Acompanhamento Pessoal: experiência de partilha e de escuta; algumas questões para se testar a capacidade de ouvir; instrumentos para ajudar no AP.
3. Psicologia: dimensões do ser humano; formação para a liberdade; personalidade madura.
4. Discernimento: espiritual, vocacional; critérios de seleção.

A dinâmica usada no Seminário foi participativa, com reflexão pessoal, trabalhos em grupos, plenários, exposições e troca de experiências concretas de Acompanhamento Pessoal.

A coordenação esteve a cargo da Equipe de Formadores da CRB Regional de Fortaleza, assessorada por Ir. Solange de Araújo e Irmã Lourdinha, Pe. Acrízio Vale Sales, SJ e Irmã Jaci Dutra Pessoa, SSD.

Ao final do Seminário foi feita uma avaliação de que destacamos alguns aspectos mais significativos e sugestões dos participantes:

- "Este Seminário me ajudou a levar ainda mais a sério o AP, tendo presentes aquelas áreas a serem mais exploradas."
- "Levou-me a sentir a necessidade de aprofundar o material recebido

e aplicar os conteúdos do Seminário na Formação”.

- “Confirmou mais uma vez que o Formador precisa ser pessoa de oração, de grande equilíbrio emocional e, para tal, deve sempre se auto-avaliar, confrontando sua pedagogia com a de Jesus Cristo.”
- “Este Seminário nos proporcionou uma visão mais clara do AP; maior conhecimento da pessoa humana; critérios para melhor ajudar a discernir a vocação; maior segurança e firmeza no AP; novas formas na formação como educar na e para a liberdade, dando-se prioridade ao AP.”
- “Percebeu-se que há um esforço comum na busca de acertar numa formação que responda aos apelos da Igreja e do mundo de hoje, e que os Formadores devem estar em constante processo de conversão, e abertos ao NOVO.”

Nas sugestões, todos os participantes solicitam mais Encontros nessa linha, dando-se oportunidade a maior número de Formadores, principalmente do interior, incluindo também o Clero Diocesano ligado à Formação de novos Sacerdotes.

Sugere-se ainda:

- dispor de mais tempo para troca de experiências e debates;
- que nesses Encontros ou Seminários esteja presente um Psicólogo para ajudar nos assuntos de Psicologia do Profundo;
- continuar promovendo tais Seminários que nos façam encontrar-

nos sempre mais, e refletir sobre o importante “ministério da Formação”;

- pensar numa dinâmica ou estudo em grupo, de acordo com cada etapa da Formação: Aspirantes; Postulantes, Noviços(as), Seminariantes... a fim de lhes favorecer maior enriquecimento a partir da troca de experiências.

Equipe de Formação CRB Regional de Fortaleza

A FUNDAÇÃO DE INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA

Pe. Jesús Hortal, SJ

A Vida Consagrada, pela profissão dos conselhos evangélicos, tem na Igreja um caráter público, pois a própria Igreja sabe que se trata de um dom recebido do Senhor que ela mesma conserva com a graça divina (cf. cân. 579). Daí as funções da autoridade eclesial: interpretar os conselhos evangélicos, regulamentar sua prática, erigir canonicamente as formas estáveis da Vida Consagrada, e preocupar-se com o seu crescimento e fidelidade ao espírito dos Fundadores (cf. cân. 580).

A Vida Consagrada se desenvolve de dois modos fundamentalmente diversos:

- a) Na base de indivíduos diretamente relacionados ao Bispo diocesano, sem constituírem uma organização própria, algo que poderia ser comparado ao Clero secular. Trata-se dos “eremitas” do cân. 603, e das “virgens consagradas no mundo” no cân. 604.

b) Na base de **Institutos**, ou seja, de associações canonicamente erigidas pela competente autoridade eclesiástica, cujos membros professam os conselhos evangélicos.

Nesse escrito nos restringimos ao problema da fundação dos **Institutos** e das Sociedades de Vida Apostólica, que lhes são relativamente semelhantes.

Conceito e classificação dos Institutos de Vida Consagrada (IVC): — Conforme acabamos de dizer, os Institutos se encontram dentro do fenômeno associativo na Igreja. Surgem, portanto, por livre iniciativa dos fiéis, sob o impulso do Espírito Santo. O cân. 298, porém, encarrega-se de distinguir esses Institutos (e as Sociedades de Vida Apostólica — SVA — que lhes são afins) das outras associações. De acordo com o cân. 573, § 2, podemos definir os IVC como associações de fiéis, canonicamente erigidas pela competente autoridade eclesiástica, nas quais os fiéis assumem, mediante votos ou outros vínculos sagrados, os conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência e, por meio da caridade à qual esses conselhos conduzem, unem-se de modo especial à Igreja e ao seu mistério.

Elementos comuns a todos os IVC são: a) a personalidade jurídica canônica; b) a existência de Superiores, designados de acordo com o direito; c) a existência de Constituições, destinadas a preservar o patrimônio espiritual do Instituto, e a indicar os princípios básicos de sua organização; d) a profissão dos conselhos evangélicos.

Os Institutos de Vida Consagrada são de duas classes:

1) **Institutos Religiosos** — São Institutos nos quais os membros, de acordo com o direito próprio, emitem **votos públicos**, perpétuos ou temporários, a serem renovados ao término do prazo, e levam vida fraterna em comum (cân. 607 § 2).

O conteúdo mínimo desses votos são os conselhos evangélicos, podendo haver também outros, como o famoso “quarto voto” dos jesuítas, de obediência especial ao Papa no que se relaciona com as “missões”.

2) **Institutos Seculares** — São Institutos que, embora professem os conselhos evangélicos não os assumem mediante voto público. Igualmente, embora lhes seja própria a “vida fraterna”, não a levam necessariamente em comum. De acordo com o novo código, fica bem claro que a característica própria dos Institutos Seculares é a **secularidade**, ou seja, o viver a consagração no mundo, no modo e nas ocupações comuns à maioria dos cristãos. Por isso, o seu apostolado se desenvolve também no mundo e a partir do mundo.

Dessa dupla caracterização segue um ponto básico para a distinção entre um tipo e outro de IVC: os Institutos Religiosos exigem uma certa separação do mundo (Cân. 607, § 3), enquanto os Institutos Seculares pedem uma atuação como “fermento”, ou seja, no escondimento e na inserção mais completa (Cf. cân. 713). É necessário ter presente essa distinção quando surge um novo grupo que pretende sua ereção como IVC. Ainda mais, deve-se evitar a confusão com outras instituições afins, mas

que não são Institutos de Vida Consagrada no sentido estrito do termo: as **Sociedades de Vida Apostólica (SVA)**. Estas se caracterizam por um elemento negativo, o não ter votos públicos, e por três elementos positivos: finalidade apostólica definida, Constituições, e vida comunitária. Por isso, externamente, assemelham-se às Congregações Religiosas, inclusive no uso de hábito (como no caso das Filhas da Caridade ou Irmãs Vicentinas). Por isso também, a legislação para a ereção canônica das SVA é praticamente a mesma da dos IVC. Conseqüentemente, o que vamos dizer se aplica, normalmente, aos três tipos de instituições: Institutos Religiosos, Institutos Seculares e Sociedades de Vida Apostólica.

Como começam os IVC e as SVA? —

A rigor, essas instituições poderiam surgir ou por iniciativa da autoridade eclesiástica ou por iniciativa de particulares. Pode ser, por exemplo, que a autoridade, perante uma necessidade concreta da Igreja Local, que não pode ser preenchida com as instituições já existentes, procure as pessoas aptas para essa tarefa, com vistas à ereção de um Instituto ou Sociedade. O mais normal, porém, é que uma ou várias pessoas (clérigos ou leigos) se sintam movidos a iniciar uma obra desse tipo, e busquem a aprovação da autoridade eclesiástica competente. Em todo caso, é necessário que haja um certo indício de vocação divina. Se exigimos essa vocação para cada um dos indivíduos que querem ser religiosos, por considerarmos que ninguém pode assumir a prática dos conselhos evangélicos sem o impulso do Espírito Santo, tanto mais necessário será contar com esse impulso para uma obra que deverá ser

assumida oficialmente pela Igreja. Daí que a primeira pergunta que nós devemos fazer perante um grupo que pretende ser um IVC ou uma SVA, é se apresenta indícios de **vocação divina**. Os requisitos canônicos são importantes e devem ser exigidos, mas são subordinados à existência dessa vocação. Para se chegar à ereção canônica de um IVC ou de uma SVA, seguem-se normalmente, três etapas ou estágios.

Primeiro estágio: grupo informal. —

Antes de se lhe dar uma forma jurídica definitiva, é muito conveniente que o grupo inicial comece um certo tipo de ensaio da vida que pretende levar, em diálogo, é claro, com a autoridade eclesiástica. Por isso, permite-se inicialmente que comece a viver como grupo informal, sem nenhuma ereção canônica. Isso servirá para se observar a seriedade e o comportamento do fundador ou fundadores, e para se deixar que vá adquirindo maior clareza a respeito da finalidade e dos meios a serem empregados pela instituição. Como, em geral, os que começam estas experiências não têm idéias muito claras a respeito das diferenças entre Instituto Religioso, Instituto Secular e Sociedade de Vida Apostólica, seria bom que isso lhes fosse explicado e que, junto com as outras pessoas que participam da iniciativa, reflitam, na base do discernimento espiritual, sobre a escolha clara a ser feita.

Não por causa da legislação canônica, que é omissa neste ponto, mas pela própria natureza das coisas, é muito conveniente que o bispo diocesano nomeie um Sacerdote, secular ou religioso, acompanhe o grupo com seus conselhos e orientações, mas que claramente se abstenha de querer impor seus

critérios. O Sacerdote assistente ou conselheiro deve ser bem consciente de que o grupo nasceu por vocação própria e não do mesmo assistente.

Durante esse tempo de experimentação como grupo informal, seria bom que fossem preparados os Estatutos para a fase seguinte, os quais, mais tarde, deverão transformar-se em verdadeiras e próprias Constituições. Já desde esse estágio é bom levar em conta o que se prescreve no cân. 587, § 3, ou seja, que nos Estatutos "sejam devidamente reunidos os elementos espirituais e jurídicos; as normas, porém, não se multipliquem sem necessidade".

Parece prudente não permitir, nesta fase inicial, a emissão de votos, nem sequer privados, muito menos públicos. Desse modo, o assunto fica ainda "íntegro", ou seja, não se torna irreversível. Além disso, deixa-se bem clara a seriedade do compromisso a ser assumido mais tarde, com a ajuda de Deus, mediante os votos, se for o caso.

Segundo estágio: Associação de fiéis. — De acordo com a caminhada do grupo "informal", uma vez que estiverem suficientemente claros o fim e o espírito da obra, pode-se pensar num passo ulterior: a ereção formal de uma associação pública de fiéis. Na legislação anterior, falava-se em "Pia União". O novo Código não faz mais nenhuma classificação das associações pela sua finalidade, por isso não usa essa denominação. A classificação atual baseia-se no relacionamento com a autoridade eclesiástica. Associação "pública" significa unicamente que foi erigida pela autoridade eclesiástica competente (cf. cân. 301, § 3). Essa autoridade compe-

tente é, no nosso caso, o Bispo diocesano, de acordo com o cân. 312, § 1, 3º.

A ereção de uma associação pública se faz por decreto formal. Deve haver já uns Estatutos aprovados pela mesma autoridade eclesiástica que a erigiu (cf. cân. 314). Nesses Estatutos devem constar os princípios gerais que determinam o modo de governo desta Associação (cf. cân. 315). Essa tem também, normalmente, um assistente eclesiástico (cf. cân. 317) que deverá acompanhar o crescimento do grupo, principalmente no campo espiritual.

Creio que, para evitar mal-entendidos e situações irreversíveis, deve ficar bem claro para os membros da associação, que ainda não se trata de um verdadeiro Instituto de Vida Consagrada, nem de uma Sociedade de Vida Apostólica, embora seja essa a meta a ser atingida no fim de todo o processo. Tenha-se presente que a Sé Apostólica insiste em que, quando se recorre a ela para solicitar o "nihil obstat" de que falaremos mais adiante, toda a coisa deve estar "adhuc integra". Não se oporia a isso, porém, permitir que os membros da associação façam votos de caráter estritamente privado, no sentido jurídico, ou seja, não recebidos oficialmente por nenhuma autoridade eclesiástica. Ainda mais, para evitar confusões, parece conveniente que esses votos privados, se os houver, sejam feitos sem solenidade externa, e até parece melhor que se façam por cada um dos membros em particular, sem pronunciá-los em voz alta, a fim de tirar-lhes até a aparência de publicidade. É claro que nessa etapa se pode pensar num outro tipo de vínculo, como simples compromisso com o grupo, mesmo que já se tenha em mente

a fundação de uma verdadeira Congregação Religiosa.

Tenha-se presente que, se a associação quiser se estender a outras Dioceses, em cada uma delas precisa do decreto formal de ereção, dado pelo correspondente Bispo diocesano. Para evitar, porém o esfacelamento, será necessário que a associação apresente os mesmos Estatutos em todas as Dioceses onde pretende estabelecer-se.

Terceiro estágio: IVC ou SVA de direito diocesano. — Se a associação se desenvolve satisfatoriamente, de forma a despertar esperanças fundadas de que terá candidatos suficientes e bom espírito para a continuidade da obra empreendida, pode-se pensar na ereção de um IVC (religioso ou secular, conforme explicamos) ou de uma SVA, de direito diocesano. Contudo, o Código exige (ao nosso ver, para a validade, pois usa a expressão **dummodo**, que indica condição) que a Sé Apostólica seja consultada previamente sobre o assunto.

A consulta é encaminhada à Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares (CRIS), indicando os seguintes pontos: 1º) breve histórico da fundação e do fundador ou fundadores; 2º) nome ou título de futuro Instituto religioso, secular ou Sociedade; 3º) finalidade que pretende e conveniência de que essa finalidade seja conseguida com a nova fundação e não recorrendo a outra ou outras porventura existentes na Diocese, ou que se poderia facilmente conseguir que se estabelecessem nela; 4º) meios com que conta para sua sustentação (relatório financeiro); 5º) hábito a ser usado, se for o caso; 6º) qualquer outro dado que o Bispo

julgar oportuno destacar. Na praxe atual da CRIS, costuma-se enviar também um exemplar completo das Constituições. Por isso, antes de se enviar a petição a Roma, é necessário transformar, na medida em que for necessário, os Estatutos da "associação" em verdadeiras Constituições. É muito conveniente que, para tanto, seja pedida a colaboração de algum canonista, a fim de que veja se os pontos mínimos que devem constar em Constituições se encontram, de fato, naquelas que se quer apresentar.

Enviada toda a documentação a Roma, a resposta pode ser negativa. Nesse caso porém, se não houver uma cláusula vetando expressamente a existência do grupo em questão, ele poderá continuar a se desenvolver como associação pública de fiéis, à espera de uma outra oportunidade.

A resposta positiva consiste no "**nihil obstat**", ou seja, na declaração de que não há nada que se oponha à ereção do grupo ou associação em IVC ou em SVA de direito diocesano. Isso significa que o Bispo pode cumprir esse requisito formal, mas não está necessariamente obrigado, pois ele é a autoridade que decide verdadeiramente, e não um executor de ordens recebidas de Roma. Por isso, pode passar algum tempo e até alguns anos antes de proceder à ereção canônica. Tenha-se porém, em conta que o "**nihil obstat**" da Sé Apostólica concede algumas faculdades especiais ao Bispo (como a dispensa do noviciado para as primeiras profissões, ou do tempo de profissão perpétua necessário para os cargos de Superiores), que só valem por um tempo determinado. Por isso, não será conve-

niente diferir excessivamente a ereção propriamente dita.

Junto com o "**nihil obstat**" costumam ser enviadas, pela CRIS, algumas observações às Constituições. Estas, então, deverão ser revistas de acordo com as mesmas observações, mas não precisam ser enviadas de novo a Roma, pois quem vai aprová-las formalmente é o Bispo diocesano.

Obtido, pois, o "**nihil obstat**" e introduzidas, se for o caso, as modificações nas Constituições, pode-se proceder à ereção formal. Para tanto, o Bispo diocesano deve dar um decreto onde se indentifique claramente a instituição e diga expressamente que fica erigida na categoria específica que se deseja (Instituto Religioso, Instituto Secular, Sociedade de Vida Apostólica), de direito diocesano. Normalmente, o mesmo decreto deve conter a aprovação das Constituições, de acordo com o exemplar que se conservará no arquivo da Cúria diocesana. Ainda se pode acrescentar, de acordo com as faculdades recebidas da Sé Apostólica a confirmação ou nomeação do primeiro Su-

perior Geral, o reconhecimento, com efeito retroativo, do pré-noviciado e do noviciado realizados até aquela data, de acordo com as Constituições, etc. É bom incluir uma cláusula sanatória dos possíveis defeitos até aquele momento porventura cometidos. Finalmente, pode-se fixar uma data para a execução do decreto, com um ato solene de inauguração do Instituto ou Sociedade.

A partir desse momento, o estabelecimento do Instituto ou Sociedade numa outra Diocese não precisa de ereção canônica do Bispo, mas só de sua "licença" explícita, dada por escrito, de acordo com o cân. 609, § 1. O Código atual é bem claro ao determinar o poder de supervisão do Bispo da sede principal que não é necessariamente a "casa-mãe", mas o lugar onde tem domicílio o Superior Geral (cf. cân. 595, § 1). Tenha-se presente que os pontos porventura destacados nas Constituições pela Congregação dos Religiosos, ao conceder o "**nihil obstat**", uma vez adaptados ao que ela pedia, não podem ser modificados sem licença da mesma Sagrada Congregação, pois a Santa Sé "pôs a mão" sobre eles.

CONGREGAÇÕES BRASILEIRAS DE DIREITO PONTIFÍCIO

Nome	Data
1. Irmãs dos Santos Anjos — Rio de Janeiro, RJ	15.10.1831
2. Irmãs do Imaculado Coração de Maria — Porto Alegre, RS	08.05.1849
3. Irmãs Franciscanas de N. Sr ^a do Bom Conselho — PE	26.04.1853
4. Pia União Jesus Maria José — Santo Amaro, SP	24.09.1880
5. Irmãzinhas da Imaculada Conceição — São Paulo, SP	12.07.1890
6. Irmãs Auxiliares de N. Sr ^a da Piedade — Belo Horizonte, MG	28.08.1892
7. Irmãs Carmelitas da Divina Providência — Belo Horizonte, MG	02.12.1899
8. Franciscanas do Coração de Maria — Campinas, SP	30.09.1900
9. Capuchinhas de S. Francisco de Assis do Brasil — Fortaleza, CE	18.12.1904

10.	Franciscanas de Nossa Senhora do Amparo — Petrópolis, RJ	17.01.1906
11.	Filhas do Coração Imaculado de Maria — Caucaia, CE	21.11.1916
12.	Missionárias de Jesus Crucificado — São Paulo, SP	03.05.1928
13.	Franciscanas de Nossa Senhora Aparecida — Porto Alegre, RS	24.06.1928
14.	Pequenas Missionárias de Maria Imaculada — S. José dos Campos, SP	08.11.1936
15.	Franciscanas do Sagrado Coração de Jesus — Rio de Janeiro, RJ	19.10.1937
16.	Missionárias de Santa Teresinha — Bragança, PA	25.03.1954

CONGREGAÇÕES BRASILEIRAS DE DIREITO DIOCESANO

Nome	Data
1. Religiosas do Sagrado Coração de Jesus — Olinda, PE	01.03.1742
2. Congregação de N. Sr ^a da Glória — Recife, PE	12.05.1752
3. Congregação das Religiosas Missionárias de N. Sr ^a das Dores	28.08.1913
4. Filhas de Santa Teresa de Jesus — Fortaleza, CE	04.03.1923
5. Irmãs de Jesus na Santíssima Eucaristia — Belo Horizonte, MG	10.10.1927
6. Irmãs de Nossa Senhora dos Humildes — Salvador, BA	08.12.1927
7. Filhas de Maria Servas da Caridade — Recife, PE	08.12.1928
8. Irmãs Franciscanas da Santíssima Trindade — Curitiba, PR	18.09.1929
9. Irmãs Sacramentinas de Nossa Senhora — Belo Horizonte, MG	24.12.1929
10. Irmãs Missionárias Carmelitas — Cajazeiras, PE	25.03.1938
11. Irmãs Mercedárias Missionárias do Brasil — Salvador, BA	10.08.1938
12. Missionárias de Cristo — Judiaí, SP	03.02.1940
13. Franciscanas Filhas da Divina Providência — São Paulo, SP	18.02.1946
14. Congregação de Santa Teresinha — Aracaju, SE	27.03.1947
15. Filhas de Nossa Senhora das Graças — Campos do Jordão, SP	29.06.1949
16. Congregação Josefina — Fortaleza, CE	06.01.1950
17. Irmãs Catequistas Franciscanas — Joinville, SC	14.01.1950
18. Irmãs de Santa Zita — São Paulo, SP	10.05.1950
19. Irmãs Servas do Senhor — Botucatu, SP	15.09.1952
20. Irmãs Servas da Sagrada Família — Salvador, BA	13.06.1953
21. Irmãs Paroquiais de São Francisco — São Paulo, SP	08.12.1953
22. Mensageiras de Santa Maria — Fortaleza, CE	01.07.1957
23. Missionárias Reparadoras do Coração de Jesus — Sobral, CE	15.08.1957
24. Irmãs Franciscanas do Apostolado Paroquial — Lages, SC	25.09.1957
25. Congregação de Nossa Senhora do Belém — Rio de Janeiro, RJ	25.03.1959
26. Congregação Divino Mestre — Tucano, BA	08.09.1960
27. Missionárias da Sagrada Família — Niterói, RJ	14.08.1965
28. Irmãs de Nossa Senhora da Ressurreição — Catanduva, SP	29.06.1971
29. Irmãs Mensageiras do Amor Divino — São Paulo, SP	15.08.1971
30. Irmãs Franciscanas da Ação Pastoral — Tatuapé, SP	04.10.1972
31. Congregação das Servas da Santíssima Trindade — Rio de Janeiro, RJ	15.06.1946

VIDA RELIGIOSA E PROFETISMO

Falar em nome de Deus é ser profeta. Sobre os lábios do profeta não devem existir outras palavras que as de Deus.

Cardeal Jean Jérôme Hamer, OP

Prefeito da CRIS

1. A renovação promovida pelo Concílio Vaticano II teve a grande vantagem de nos fazer retornar às origens não somente em relação aos temas que preferentemente atraem a atenção, mas também em relação ao vocabulário usado na tratção dos mesmos. Dessa forma põe-nos na melhor das disposições para aprofundar a fé, e também para lhe dar, face ao mundo, um testemunho mais coerente e mais convincente, experimentando no íntimo do coração a segurança nascida da grande promessa da vitória da fé (cfr. 1 Jo 5,4-5).

Por sua vez, a fé é resposta à Palavra de Deus que nos chega através de trâmites proféticos. A mesma Sagrada Escritura define a totalidade da Palavra divina como "profecia", mensagem, que Deus nos envia através de homens cheios do Espírito Santo (cfr. 1 Ped 1,21), os

quais, como instrumentos por Ele escolhidos para fazer-nos ouvir sua voz, são definidos como profetas. O símbolo da fé nos relembra incessantemente a ação do Espírito "que falou por meio dos profetas".

Se quando alguém fala em nome de Deus é um profeta, sobre os lábios do profeta não devem existir outras palavras que as de Deus, porque o nosso Deus é um Deus ciumento (cfr. Dt 4,24; 6,15; Jos 24,19), que não suporta competidores; por outro lado, para o próprio homem escolhido como profeta seria uma grande indignidade mesclar a Palavra de Deus com palavras e ideologias humanas que não podem deixar de deturpá-la.

2. Partindo dessa simples noção de profecia e de profeta, compreendem-se melhor a importância e a força renovadora inerentes ao esforço em se considerarem os Religiosos e seu ministério na perspectiva profética. É um excelente método para se penetrar na revelação, mediante a qual Deus nos faz conhecer o seu desígnio salvífico a respeito dos homens em todo e qualquer momento concreto da história

* *Texto de uma conferência preparada para a XIV Assembléia Geral Ordinária da CRB, em São Paulo, de 21 a 26 de julho de 1986, mas não pronunciada por falta de tempo.*

e na globalidade de sua duração, até quando, introduzidos na consumação última, contemplaremos Deus “face a face” (1 Cor 13,12), e O veremos “como Ele é” (1 Jo 3,2).

3. Se toda Palavra de Deus é uma profecia e quem a transmite é um profeta, esses mistérios encontram sua suprema atuação em Cristo, Palavra pessoal do Pai (cfr. Jo 1,1). Ele, na plenitude dos tempos, se encarnou em Maria (cfr. Gal 4,4) precisamente para nos dar a conhecer tudo quanto Ele mesmo “ouvira” da parte do Pai (cfr. Jo 15,15); sobre sua boca “não se encontrou o dolo” (1 Ped 2,22), porque, como “enviado”, pronuncia somente “palavras de Deus” (Jo 3,34) que sempre são “palavras de verdade” (Jo 17,17).

Compêndio de todas essas “palavras de verdade” é o anúncio e atuação do Reino de Deus. O Reino de Cristo transforma o mundo — é o fermento que leveda a massa inteira —, introduz na mente e no coração dos homens novos critérios para avaliar a pessoa e a história humana; ao mesmo tempo é um Reino pervadido por um dinamismo que o impele em direção à “casa” do Pai, onde há “lugar” para “muitos” (Jo 14,1), isto é, para todos; nessa “casa” Jesus “entrou como precursor” (Heb 6,20) e quer que também nós entremos para contemplar a glória que o Pai lhe deu antes da criação do mundo (Cfr. Jo 17,24).

A disposição interior de Jesus ao realizar seu ministério é bem “definida” em algumas passagens evangélicas tão significativas quanto as

das Bem-aventuranças e as parábolas da misericórdia. Todas essas passagens porém, chegam ao ponto culminante no mistério do sacrifício redentor, um sacrifício que Jesus oferece impelido por infinita misericórdia para reconciliar a todos com o Pai mediante a ação do Espírito Santo. “Com um Espírito Eterno Jesus se ofereceu a si mesmo a Deus — ao Pai — para purificar a nossa consciência das obras mortas” (Heb 9,14).

O sacrifício pascal não só nos fala da atitude interna com a qual Jesus realiza seu ministério profético; é também — e principalmente — a PALAVRA suprema desse mesmo ministério. A esse propósito são iluminadoras as palavras do Sínodo dos Bispos (1971): “A sua pregação profética, confirmada por milagres, atinge o cume no mistério pascal, palavra suprema do amor divino, com a qual o Pai nos falou...” (De Sacerdotio Ministeriali, 1.^a parte, n.º 1). Ora, se o mistério pascal do Cristo é a palavra suprema, deduz-se que todas as outras, a começar do primeiro chamado à conversão — “arrependei-vos...” —, não podem ser compreendidas em seu sentido pleno, isto é, segundo a intenção de Cristo, senão sob a luz do sacrifício último e perfeito oferecido por Jesus enquanto Sumo e Eterno Sacerdote (cfr. Heb 7,26-28).

4. O profetismo de Jesus configura o dos Religiosos sob todos os pontos de vista, e em relação aos conteúdos, à interna disposição de amor misericordioso absolutamente universal, e sobretudo enquanto leva à sua plena e perfeita atuação no

sacrifício pascal. Daqui irrompe a inexaurível inspiração profética dos Religiosos. Trata-se de tema inesgotável, a respeito de que basta ressaltar algum ponto concreto. Os Religiosos, uma vez convictos de que a palavra suprema de Jesus, chave para a exata compreensão de todas as outras, é o sacrifício pascal, estarão conscientes de que a celebração sacramental desse mesmo sacrifício e a ativa participação nele constituem o "momento" absolutamente supremo de sua vocação profética. O sacrifício eucarístico é "a fonte e o ápice de toda a vida cristã" (LG IIa), e então, também da Vida Religiosa. Na Eucaristia, oferecendo a adoração perfeita em nome de toda a humanidade, "recordando" ao Pai a promessa que Ele mesmo, mediante Cristo no Espírito Santo, fez de perdoar misericordiosamente todos os pecados, realiza a medida plena de seu profetismo e se põe em atitude adequada para aplicá-lo a qualquer campo concreto de sua atividade. A renovação do sacrifício pascal impele, sustenta, dirige, dá sentido a todo e qualquer gesto profético.

5. Sob a luz do sacrifício pascal, o Religioso se prepara para compreender a originalidade específica do profetismo dos conselhos evangélicos. Jesus viveu a pobreza, a castidade e a obediência como preparação e velado anúncio de seu futuro sacrifício, e as propôs como conselhos; estas falam uma palavra que deve ressoar na Igreja e no mundo, para que Igreja e mundo tenham uma exata compreensão da redenção. Ora, chamados são hoje os Religiosos para pronunciar essa pala-

vra face à Igreja e ao mundo; nesse ministério profético não podem ser substituídos por ninguém: isso pertence à sua vocação específica, e é necessário para que o mundo saiba em que modo concreto foi redimido por Jesus (Cfr. *Redemptionis Donum* nº 9-13,15).

6. Uma vez que o sacrifício pascal representa o fim e contém a explicação de todo o ministério profético de Jesus, deduz-se que o ministério dos profetas bíblicos — ministério preparatório ao de Jesus — recebe também daquele sacrifício o seu fim e sua explicação. Isto é, o fundamento e cerne do ministério daqueles profetas se revela somente em Cristo, concretamente no ato pelo qual Cristo se imo'a como vítima de reconciliação.

Do sacrifício pascal irrompem todos os bens. A Carta aos Hebreus sublinha a esperança: "Tendo plena liberdade de entrar no santuário por meio do Sangue de Jesus, por essa via nova e viva... Mantenhamos sem vacilações a profissão de nossa esperança..." (Heb 10, 19-20 e 23). Nessa luz se compreende que os profetas do Antigo Testamento sejam definidos na IV Oração Eucarística como os pedagogos da esperança dos homens: "... os ensinastes por meio dos profetas na esperança da salvação". Os profetas do Novo Testamento são chamados especialmente a caminhar nessa estrada; devem estar conscientes de que um dos seus maiores ministérios consiste precisamente em educar para a esperança: a da Igreja e também a da inteira humanidade: um ministério a ser

cumprido com espírito "missionário".

Entre esses profetas, os Religiosos têm um lugar na primeira fila, como sempre o tiveram na Igreja. Igreja e sociedade receberão grande ajuda de um ministério que visa despertar a esperança, sustentá-la, orientá-la, consolidá-la, fazê-la desembocar em seu objetivo final. Trata-se com efeito, de transmitir uma esperança concreta: a que irrompe do Sangue de Cristo, que purifica os corações de toda má consciência e lava os corpos com água pura (cfr. Heb 10, 21).

7. Um modelo de profeta, mensageiro dessa mesma esperança, é o autor do Apocalipse. No livro os pecados da Igreja são "denunciados" e severamente recriminados (cap. 2-3: "tenho contra ti..."). Mas essa mesma Igreja é logo convidada a gozar da esperança segura que promana da vitória do Cordeiro imolado (5,6; 12,11). A Igreja purificada e tornada vitoriosa com o sangue, torna-se a Esposa do Cordeiro (19,7-8) e entra na Jerusalém

celeste na qual tudo é luz. Nesse entretanto faz a grande prece: "Vem, Senhor Jesus!" (22,20).

8. O Novo Testamento indica aos Religiosos um caminho luminoso e exaltante para realizarem seu ministério profético. Não seriam nossos tempos muito semelhantes aos do Apocalipse? Não há hoje também muitas "bestas" que exigem adoração idolátrica e procuram apossar-se da "vida humana" (cfr. 13, 16-17)?

O Concílio Vaticano II nos dá encorajante certeza, expressa em palavras como estas: "Legitimamente se pode pensar que o futuro da humanidade esteja posto nas mãos daqueles que são capazes de transmitir às gerações do amanhã razões de vida e de esperança" (GS 31, final).

Religiosos do Brasil: sede servidores desta esperança, fazei com que sua luz resplenda diante dos homens. Sustente-vos e vos guie nesse luminoso caminhar Aquela que saudamos como Mãe com as conhecidas e doces palavras: "Spes nostra, salve!".

Somente Deus pode julgar com justiça

Bíblia — "A mim pouco se me dá ser julgado por vós. Meu juiz é o Senhor. Ele porá, às claras, o que se acha escondido e manifestará as intenções dos corações. Então, cada um receberá de Deus o louvor que merece", 1 Cor 4, 1-5.

Leitor — Somente Deus pode julgar com justiça. E ninguém pode acusá-lo de injusto se, na sua liberdade de amar, abençoa segundo o que cada um precisa. O mistério está em Deus. O mistério está na criatura, também. É o mistério da maior intimidade e da maior correspondência e da mais agradecida amizade. Deus não comete injustiça com ninguém. Ele não dá satisfação de seus atos. Não faz questão de ser compreendido. Aliás, ele não se deixa compreender (Pe. Marcos de Lima, SDB).

O NATAL DE JESUS: UM SINAL PROFÉTICO

A celebração do Natal é um momento propício para reconhecermos a irrupção de Deus na história humana e acolhermos com alegria a sua proposta. "Vamos depressa a Belém e vejamos o que aconteceu, o que o Senhor nos deu a conhecer" Lc 2,15.

Irmã Delir Brunelli

Agrônômica, SC

A profecia é a revelação do plano salvífico de Deus, dentro da realidade concreta vivida pelo ser humano. Traz as características de anúncio da salvação que Deus oferece e realiza e de denúncia das distorções humanas. Esta revelação é feita, sobretudo, pela palavra dos profetas, em especial de Jesus Cristo, o profeta por excelência (cf. Lc 7,16; Jo 6,14; 7,40).

Hoje, falamos com frequência em "sinais proféticos". Com isto queremos indicar fatos, situações, testemunhos de vida que trazem as características da palavra profética. Revelam o plano libertador de Deus e, ao mesmo tempo, constituem denúncia, julgamento e apelo à conversão.

É neste sentido que o Natal pode ser considerado um sinal profético. Não só o fato central do nascimento de Jesus, mas também as circunstâncias que o envolvem, constituem, pa-

ra nós, sinal revelador da grande proposta de Deus. Daí a importância que lhes conferem Mateus e Lucas.

Nesse artigo, são ressaltados apenas alguns aspectos considerados significativos no conjunto dos relatos do nascimento de Jesus. O objetivo é sugerir aos leitores um caminho de reflexão que deverá ser aprofundado e completado a partir da vivência de cada um e da experiência de suas comunidades.

1. Deus em nossa história

"Eis que conceberás e darás à luz um filho/ e o chamarás com o nome de Jesus" (Lc 1,31).

A presença salvífica de Deus no meio do seu povo constitui a grande experiência religiosa de Israel. Iahweh é um Deus próximo do ser humano, que faz história com o seu povo, numa caminhada libertadora.

“Habitaréi no meio dos filhos de Israel e / serei o seu Deus. E eles conhecerão que eu / sou Iahweh, o seu Deus, que os fez sair do / país do Egito para habitar no meio deles, / eu, Iahweh, o seu Deus” (Ex 29,45s).

O nome de Deus revela sua presença dinâmica em nossa história e não apenas sua existência única e transcendente. Iahweh é Aquele-que-está-aí-para-salvar ou, mais precisamente, o **“Eu sou... e estou contigo”** (cf. Ex 3,14.121. O que distingue Israel dos outros povos e o faz caminhar é justamente a certeza de um Deus-Emanuel (cf. Is 7,14; Sl 46,8.), que não só aponta o caminho, mas ele mesmo vai à frente do seu povo em marcha (cf. Ex 33,12-17).

Os profetas não se cansam de trazer à memória do povo a experiência da presença salvífica de Deus (cf. Os 13,4; Is 33,22; 40,10; 63,8s). Passado, presente e futuro se misturam numa única certeza:

“Iahweh, o teu Deus, está no meio de ti / como herói salvador” (Sf 3,17).

Ao anunciar que o filho de Maria se chamará “Jesus”, o anjo evoca este anúncio profético e confirma toda a esperança de Israel. Chegou a hora em que Deus-Salvador vai fixar, em definitivo, sua tenda entre nós (cf. Jo 1,14). Mateus explica:

“Tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que o Senhor havia dito pelo profeta: ‘Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e o

chamarão com o nome de Emanuel’, o que traduzido significa: ‘Deus está conosco’” (1, 22s).

A celebração do Natal nos recorda a presença histórica do nosso Deus, salvando o seu povo. E isto acontece agora de maneira muito mais intensa do que no Antigo Testamento. Deus assume a nossa vida, em figura humana, fala nossa linguagem, experimenta nossas lutas e padece nossas dores. Faz do próprio ser humano o lugar do encontro com Deus-Salvador.

Isaías diz que o Emanuel é um Deus-forte, que firma seu reino sobre o direito e a justiça 19,5s). Como entender esta força, se Jesus ainda menino deve fugir para o Egito e, quando adulto, se curva diante dos opressores e morre numa cruz?

Certamente não se trata da força de quem se impõe e domina, segundo uma concepção machista e opressora, mas de uma força bem mais feminina: a fortaleza de quem partilha a dor e a luta e vai até as últimas conseqüências para defender a vida. Esta é a força do Emanuel, destinada a construir o reino de justiça e fraternidade.

Só um coração de pobre é capaz de fazer uma tal experiência e perceber toda a força salvífica que se esconde por trás da fragilidade de um Deus feito criança, feito gente, feito peregrino nos caminhos da história.

2. O sinal da vida

“Isabel, tua parenta, concebeu um filho na velhice, e este é o sexto

mês para aquela que chamavam de estéril" (Lc 1,36).

A concepção de João Batista é apresentada a Maria como um sinal: confirma a fidelidade de Deus a seu plano de salvação e anuncia que seu projeto é um projeto de vida. São João entende a encarnação do Verbo como a epifania da Vida: **"a Vida se manifestou"** (I Jo 1,2). O próprio Jesus confirma: **"Eu sou a Vida"** (Jo 14,6) e acrescenta: **"Eu vim para que (as ovelhas) tenham vida e a tenham em abundância"** (Jo 10,10).

Este projeto de salvação deve se realizar contra as forças de morte, contra toda forma de esterilidade. O anjo anuncia que vem a nós o Deus da Vida. E eis o sinal: Isabel, a mulher estéril e avançada em anos, concebeu. A vida brota, pela força de Deus, para além dos nossos planos e esperanças.

Isto já acontecera outras vezes: com Sara (cf. Gn 17,15-22); com a esposa de Manué (cf. Jz 13); com Ana (cf. I Sm 1-2). Isaac, Sansão, Samuel e João Batista mostram que a opção de Deus é pela vida e em seu favor ele se manifesta com poder. A visão do profeta Ezequiel é eloqüente neste sentido. O povo de Israel, exilado na Babilônia, sente esgotadas suas possibilidades de vida:

"Os nossos ossos estão secos, a nossa esperança está desfeita. Para nós tudo está acabado".

Mas o Senhor responde:

"Porei o meu espírito dentro de vós e haveis de reviver" (Ez 37,11-14).

Para Deus, com efeito, **"nada é impossível"**, diz o anjo a Maria (Lc 1,37).

Isabel é o símbolo de todo um povo que rejuvenesce pelo poder de Deus e se torna fecundo diante do olhar cético dos "Zacarias" que não acreditam nos caminhos que fogem ao que eles consideram "normal" na situação vigente. É o símbolo de um povo que está ganhando vigor e mostra que em seu seio há uma semente fecunda, capaz de gerar profetas alternativos para um ser humano livre e uma sociedade justa e fraterna.

Estão aí as CEBs, a organização das classes trabalhadoras, as experiências comunitárias, os acampamentos, a mobilização popular com vistas à nova Constituição. Isabel está grávida de seis meses! No útero de nosso povo há sinais de um nascimento próximo. Isto confirma a fidelidade de Deus e a veracidade da palavra do anjo a Maria. Podemos ter certeza: o Verbo da Vida está se encarnando entre nós!

3. O sinal da pobreza

A pobreza de Jesus constitui para nós um sinal profético de grande eloqüência. Aquele por quem todas as coisas foram feitas (cf. Jo 1,3; Cl 1,16) escolhe uma família do povo, de uma cidade ignorada, e nasce pobre e despercebido durante uma viagem de seus pais. O que este fato nos revela e anuncia?

3.1. Uma cidade chamada Nazaré

"No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galiléia chamada Nazaré" (Lc 1,26).

No Antigo Testamento, Deus mostra sua predileção pelos pobres. Eles são as primícias do seu povo (cf. Is 66,2; Sf 3,12). Mas agora, com Jesus, algo de novo acontece: o próprio Deus se faz pequeno e pobre, no meio de seus prediletos. Lucas ressalta essa novidade quando relata o anúncio do nascimento de João Batista e de Jesus.

João Batista fecha o Antigo Testamento. Para anunciar sua chegada, o anjo Gabriel é enviado ao templo de Jerusalém, naquela época centro do poder religioso, político e econômico.

Para inaugurar a fase da Nova Aliança, o anjo Gabriel é novamente enviado por Deus. Desta vez não se dirige ao templo, mas a uma casa do povo; não vai à Judéia, terra santa, mas à Galiléia dos gentios, terra profana e esquecida, de onde jamais saiu um profeta:

“Estuda e verás que da Galiléia não surge profeta” (Jo 7,52).

Na Galiléia não havia escolas para ensinar a Lei. Uma região de má fama, evitada pelos judeus que não queriam contrair impurezas. Na Galiléia surgiu o movimento dos zelotes, à margem do judaísmo oficial. Pois bem, é esta região que Deus escolhe.

O anjo não se dirige a Tiberíades, a capital, mas a Nazaré, uma cidadezinha insignificante e desprezada:

“De Nazaré pode sair algo de bom?” (Jo 1,46).

O Antigo Testamento nunca fala de Nazaré. Ela também não é mencionada por Josefo Flávio, historia-

dor dos judeus. Mas, com Jesus, Deus se lembra desta pequena cidade e a elege como porta de entrada do Messias na história humana. Em Nazaré da Galiléia, o Filho de Deus se encarna no seio de Maria.

Com este fato, Deus confirma sua atração especial pelas margens. Quando se trata de armar sua tenda entre nós, não se dirige aos centros de poder, mas vai bater às portas de uma jovem do povo, numa cidade periférica, terra de pobres e gentios. A lei da encarnação, de fato, é o despojamento (cf. Fl 2,7) que inverte a escala de valores do poder opressor: escolhe o que foi desprezado, privilegia o que foi esquecido, eleva o que foi humilhado.

Se buscamos a Deus e somos dele mensageiros, se desejamos repetir hoje o gesto da encarnação, temos indicado o caminho: as casas dos pobres, nas periferias esquecidas e desprezadas.

3.2. Não havia lugar para eles

“... envolveu-o em panos e reclinou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem” (Lc 2,7).

O nascimento de Jesus em pobreza é um elo do grande mistério que envolve toda a sua vida e tem seu ponto culminante na cruz. Paulo resume assim todo o mistério:

“Ele tinha a condição divina, e não considerou o ser igual a Deus como algo a que se apegar ciosamente. Mas esvaziou-se a si mesmo, e assumiu a condição de servo, tomando a semelhança humana. E,

achado em figura de homem, humilhou-se e foi obediente até a morte e morte de cruz” (Fl. 2,6-8).

As condições do nascimento de Jesus fazem parte do seu total despojamento. Não constituem algo apenas circunstancial — por causa do recenseamento —, mas se colocam no conjunto da kênosis do Filho de Deus e têm caráter salvífico. É ainda São Paulo quem nos lembra:

“Conheceis a generosidade de nosso Senhor Jesus Cristo, que por causa de vós se fez pobre, embora fosse rico, para vos enriquecer com sua pobreza” (2 Cor 8,9).

Jesus escolhe a pobreza para nos redimir da pobreza, para resgatar a dignidade humana aviltada pela inversão da ordem divina. Deus criou o mundo e viu que tudo era bom (cf. Gn 1,31). O ser humano experimentou o que Deus criara e também viu que era bom. Mas, no seu egoísmo, inverteu tudo: acumulou o que devia partilhar; destruiu o que devia proteger; explorou quem devia respeitar; dominou quem devia acolher como um irmão. Fez da criatura um ídolo e lhe rendeu culto.

Jesus assume as conseqüências desta situação para restaurar o projeto inicial. Partilhando a sorte do pobre, anuncia, já em seu nascimento, o que vai se tornar mais claro em sua vida pública: que o Pai tem um amor de predileção pelos pobres e que eles ocupam um lugar central no seu Reino. Jesus convive com os que não têm lugar no sistema social, político e religioso do seu

tempo: os pescadores e as mulheres; os publicanos e as prostitutas; os ignorantes da Lei e os samaritanos; os leprosos e toda sorte de doentes. Prega para eles a Boa Nova do Reino, manifesta-lhes a bondade e misericórdia do Pai, socorre-os em suas necessidades e os chama ao discipulado. Denuncia, dessa forma, uma ordem estabelecida que os repele para as margens, que os condena a viver nas periferias sociais, políticas, culturais e religiosas.

Hoje, quando tanto se fala em participação social e política, em reforma agrária e constituinte, em co-responsabilidade na Igreja, esta palavra evangélica **“não havia lugar para eles”** ressoa como um grito profético, denunciando a falta de espaço para uma multidão de pobres: agricultores e operários, índios e negros, mulheres e jovens, velhos e crianças. Para eles não há lugar na distribuição da terra e da renda, na partilha dos bens culturais e da saúde, na participação política e nas decisões eclesiais.

A celebração do Natal nos convida a acolhermos o anúncio profético da pobreza de Jesus, comprometendo-nos com esses pobres — os sem-lugar dos nossos dias — para que não batam em vão, mas encontrem espaço para construir a história e levar uma vida digna.

4. Duas reações diferentes

O anúncio profético encontra acolhida e também rejeição em seus ouvintes. Em geral, os pobres ouvem o profeta e se voltam para Iahweh que lhes oferece libertação.

Mas os detentores do poder recusam a mensagem que os atinge e se defendem matando o profeta.

Com Jesus também foi assim. As reações que mais tarde serão constantes em seus ouvintes, já se fazem presentes diante da notícia do seu nascimento. Uns acolhem e se alegram, porque vêem confirmadas suas esperanças; outros se enchem de temor, porque sentem seu poder ameaçado. É o que acontece com os pastores de Belém e com Herodes e sua corte.

4.1. A alegria dos pastores

“Eis que eu vos anuncio uma grande alegria, que será para todo o povo: nasceu-vos hoje um Salvador, que é o Cristo-Senhor, na cidade de Davi” (Lc 2,10s).

O anjo Gabriel saúda Maria dizendo: **“Alegra-te, cheia de graça”** (Lc, 1,28). Esta fórmula profético-litúrgica era já consagrada e se usava no anúncio de uma boa nova. Ela ocorre com frequência nos profetas:

“Rejubila-te, filha de Sião, solta gritos de alegria, Israel! Alegra-te e exulta de todo o coração, filha de Jerusalém!”

“Iahweh, o teu Deus, está no meio de ti como herói salvador” (Sf 3,14. 17a).

“Não temas, terra, exulta e alegra-te, porque o Senhor fez grandes coisas!” (Jl 2,21).

“Exulta muito filha de Sião! Grita de alegria, filha de Jerusalém! Eis que o teu rei vem a ti: ele é justo e vitorioso. . .” (Zc 9,9).

O conteúdo último do anúncio profético é sempre uma Boa Nova, destinada a causar grande alegria, pois se trata da salvação de Deus que realiza as esperanças humanas. Se a profecia, muitas vezes, é carregada de denúncia e de ameaças, é porque o plano de Deus é esquecido, distorcido, recusado. Mas vem o dia em que ele se realiza. E esta é a Boa Notícia.

O Antigo Testamento conhece profecias ditosas, anúncios alvissareiros, notícias de fazer o coração vibrar de júbilo. Mas nenhuma supera a Boa Nova que o anjo traz na noite de Natal:

“Hoje, na cidade de Davi, vos nasceu um Salvador” (Lc 2,11).

Os destinatários desse anúncio são os pastores, gente pobre das redondezas de Belém. Eles acolhem a notícia e vão **“às pressas”** ao encontro de Jesus. Encontram **“Maria, José e o recém-nascido deitado numa manjedoura”**. Entendem o sinal e glorificam a Deus (cf. Lc 2,8-20).

Mais tarde, Jesus vai fazer a mesma constatação. Os simples e pequeninos, os ignorantes e desconhecidos da Lei recebem com o coração aberto a revelação do Pai. Por isso, Jesus exulta de alegria:

“Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado” (Lc 10,21).

O anúncio da Boa Nova aos pobres constitui o programa de vida de Jesus. Para isto ele foi ungido e enviado (cf. Lc 4,18).

Os primeiros cristãos, na quase totalidade, eram pessoas simples do povo, gente pobre e sem lugar na sociedade. Paulo recorda aos coríntios:

“Vede quem sois, irmãos, vós que recebestes o chamado de Deus; não há entre vós muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de família prestigiosa. Mas o que é loucura no mundo, Deus o escolheu para confundir os sábios e, o que é fraqueza no mundo, Deus o escolheu para confundir o que é forte; o que no mundo é vil e desprezado, o que não é, Deus escolheu para reduzir a nada o que é” (1 Cor 1,26-28).

Também hoje, é sobretudo no coração dos pobres que a Boa Nova encontra acolhida. Para eles, a mensagem de vida de Jesus Cristo — a sabedoria da Cruz e da Ressurreição — não é “loucura” nem “escândalo”, mas certeza de um mundo novo.

4.2. O temor de Herodes

“O rei Herodes ficou alarmado e, com ele toda Jerusalém” (Mt 2,3).

Mateus não relata o anúncio do anjo aos pastores de Belém, mas nos traz o episódio dos magos do Oriente. Esses estudiosos dos astros vêem a estrela mensageira, compreendem o anúncio e se põem a caminho. Chegam a Jerusalém perguntando: **“Onde está o rei dos judeus recém-nascido?”** (Mt 2,2). O povo, até aquele momento, não sabia de nada e a pergunta causa alvoroço. Ao ouvir a notícia, Herodes entra em pânico e toda sua corte estremece com ele. Por que tanto medo?

Os pastores, aqueles que defendem a vida, enchem-se de júbilo com a proposta de paz e libertação que lhes é anunciada. Herodes, que defende sua coroa, seu nome e seus domínios — poder, fama e dinheiro — sente-se ameaçado com a simples perspectiva de que algo possa mudar. A ordem estabelecida lhe convém e deve ser mantida a qualquer preço. É preciso descobrir este recém-nascido e calar a palavra profética antes que fecunde o chão e produza frutos.

“E convocando todos os sumos sacerdotes e os escribas do povo, procurou saber deles onde havia de nascer o Messias. E mandou matar, em Belém e no seu território, todos os meninos de dois anos para baixo” (Mt 2,4.16).

Essa atitude de Herodes não é única. A Bíblia menciona outras vezes o temor dos poderosos diante da Palavra de Iahweh e de seus feitos salvíficos. O motivo é sempre o mesmo: o projeto de Deus vem contrariar seus planos dominadores.

O êxodo é um exemplo eloqüente. A libertação de Israel das mãos dos egípcios causa grande alvoroço entre os povos fortes e destemidos que habitam Canaã e as regiões vizinhas. Estão tranqüilos em suas terras e sentem-se ameaçados por Israel, um povo ainda criança, que se organiza e caminha decidido na conquista de uma terra que lhes cabe por dom e direito. Moisés relata em seu cântico:

“Os povos ouviram e se alarmaram, o terror apoderou-se dos habitantes da Filistéia. Então os chefes de Edom estremeceram de medo e

os fortes de Moab foram tomados de tremor; trepidaram todos os habitantes de Canaã. Caíram sobre eles o espanto e o pavor” (Ex 15,14-16).

O nascimento de Jesus se coloca no ponto mais elevado da ação libertadora de Iahweh. O Filho de Deus assume a fragilidade humana e anuncia a inauguração de uma nova ordem que vem corrigir a reversão feita pelo ser humano ao projeto original de Deus. Maria canta com júbilo a irrupção de Deus na história humana. O Todo-poderoso e Santo manifesta a sua misericórdia em favor do seu povo: age com a força de seu braço e dispersa os orgulhosos; depõe os poderosos de seus tronos e eleva os humildes; sacia de bens os famintos e despacha os ricos de mãos vazias (cf. Lc 1,49-54).

Esta mensagem, que vem ao encontro da esperança dos pobres, tira o sossego de Herodes e de toda a sua corte.

Ainda hoje, os que detêm o poder reagem como o rei da Judéia, diante daquilo que constitui “Boa Notícia” para os pobres. Inquietam-se com as CEBs, com a organização das classes trabalhadoras e com os movimentos populares. Montam esquemas de segurança, criam leis e enviam espiões para impedir a caminhada de libertação do povo. Perse-

guem e matam os que ousam anunciar uma ordem diferente daquela que garante suas posses, sua fama e seu poder.

Mas, como Herodes, não conseguem matar a esperança de vida que vai germinando e a criança, mesmo perseguida, se fortalece “diante de Deus e dos homens” (cf. Lc 2,52).

Conclusão

Há momentos na história em que Deus faz ouvir mais intensamente seu anúncio profético. Se nos dias de Samuel **“Iahweh raramente falava”** (1 Sm 3,1), hoje podemos constatar a freqüência com que Deus se manifesta e a intensidade de seus sinais. Se não formos capazes de reconhecer esta voz que nos chama e nos interpela, certamente não poderemos ter a desculpa do jovem filho de Ana: **“Samuel não conhecia ainda a Iahweh, e a palavra de Iahweh não lhe tinha sido ainda revelada”** (1 Sm 3,7).

A celebração do Natal é um momento propício para reconhecermos a irrupção de Deus na história humana (cf. Puebla, 188) e acolhermos com alegria a sua proposta. A disposição dos pastores deve ser também a nossa:

“Vamos depressa a Belém e vejamos o que aconteceu, o que o Senhor nos deu a conhecer” (Lc 2,15).

Os homens se alimentam de mitos talvez porque a fantasia seja o meio mais natural e mais simples de que dispõem para recusar a realidade e começar a transformá-la.

A SOLIDARIEDADE COM OS POBRES COMO TESTEMUNHO PROFÉTICO

*A inserção nos ajuda a penetrar nas exigências
de uma espiritualidade de síntese:
contemplação na ação e, muitas vezes, na contradição.
Uma espiritualidade que não esconde nem foge
às crises, tensões e oposições senão que as assume
com paciência ativa, pois a "paciência prova a fidelidade".*

Irmã Vilma Moreira, FI

SINAIS DE RESSURREIÇÃO!

Num encontro de um grupo de reflexão de São Paulo, na Páscoa de 85, uma das participantes relatou o seguinte fato: num Círculo Bíblico realizado num bairro periférico, logo depois da Semana Santa, uma das Irmãs de sua comunidade perguntou aos participantes se encontravam "sinais de ressurreição" no meio deles. As respostas foram várias. Mas a que mais nos chamou a atenção foi esta: — "Sinal de ressurreição? A presença de vocês no meio de nós! Até agora ninguém tinha querido chegar até nós, viver com a gente. Tinham medo por causa da fama que temos, dos assaltos, das mortes, da miséria do bairro... Vocês não tiveram medo e vieram viver conosco. Vocês são um sinal de ressurreição para nós!"

Fazia só três meses que a comunidade estava no bairro, tentando inserir-se pouco a pouco na vida do

povo; respeitando seu ritmo às vezes lento; discretamente presente: ajudando, partilhando, rezando, animando, convivendo. Não podiam imaginar que sua presença — aparentemente pouco eficaz — tivesse esta repercussão no meio dos pobres.

Na XIV AGO, a CRB (e com ela todos os Religiosos do Brasil), assumiu o compromisso de viver mais a "dimensão profética da V.R.", através do **discernimento crítico do contexto sócio-ecclesial**, para buscar **formas adequadas de encarnação-missão**; de impulso à **inserção nos meios populares e de aprofundamento da experiência de Deus**, fruto do compromisso com a libertação do povo.

Estamos no ADVENTO. E ele — como a Páscoa — é tempo de esperança. De percepção dos **SINAIS DE DEUS** através do **GRANDE SINAL** que é "o Verbo que acampa no meio de nós".

É nesse clima de grande esperança — à luz do Verbo Encarnado — que desejo desenvolver o tema que me foi proposto, enfocando especialmente a **inserção nos meios populares como testemunho profético da Vida Religiosa no Brasil de hoje.**

1. O ministério profético

Todos conhecemos o profeta e seus gestos... Ultimamente pudemos aprofundar bastante nas interpelações dos profetas à V.R. do Brasil. Quero simplesmente retomar alguns aspectos da experiência profética relacionados com a Vida Religiosa.

O Profeta é um homem ou mulher que sempre existiu nos povos e religiões (1). Enraizado na problemática de seu tempo, raça e cultura, percebe, mais além das aparências, a presença ou ausência de Deus no meio do povo e da instituição. Contemplativo da História, descobre nela os Sinais do Espírito que questionam e interpelam. Por isso sua palavra não é mero som que ressoa, senão, como diz Paulo Freire, **Palavração**: exige gestos concretos de mudança. Poder-se-ia resumir sua mensagem em três momentos:

a) **Denúncia** de tudo o que contraria o Plano de Deus: dos demônios que precisam ser exorcizados; das idolatrias de todo tipo (e como ambos abundam em nosso mundo!); enfim, do pecado pessoal, social e estrutural. A palavra de Deus a Caim continua ressoando hoje: — O que fizeste de teu irmão? E também a de Jesus: — Ninguém pode

servir a dois senhores, a Deus e ao dinheiro...

b) **Anúncio** do plano de filiação e fraternidade do Pai, da alegre notícia de que o Reino está aí, de que existe a esperança-certeza de uma humanidade nova, chamada a construir o novo céu e a nova terra (Apoc 21,1).

c) **Transformação**: exigência de conversão pessoal e social; mudança de pessoas e estruturas, para que o novo céu e a nova terra passem da utopia à topia (2).

Profundamente fiel a Deus e ao Povo, o Profeta — e os Grupos proféticos — sobressaem na história das religiões, sobretudo na de Israel e no Cristianismo. Despertam a memória do povo para a realidade da Aliança com Javé e em Cristo Jesus, sempre **em nome de uma só Fidelidade: ao Projeto de Deus no Projeto do seu Povo!**

2. O Profetismo dos Fundadores e Fundadoras

2.1. Nossas origens

A grande maioria dos Fundadores viveu e vive o ministério profético. Impulsionados pelo Espírito Santo, percebem — mais além das aparências — o apelo de Deus na Realidade. Daí sua proposta de **denúncia-anúncio-transformação**, que se realiza através da fundação de Congregações ou Ordens, resposta profética às exigências da Igreja e do Mundo.

Entretanto, com o correr dos tempos, a instituição — tão necessária para a permanência do carisma

fundacional — corre o risco de identificar-se com estruturas de “poder-domínio” e não de “poder-serviço”, abafando e, às vezes, até matando o Profetismo do Carisma... Daí a necessidade de uma volta sempre renovada às fontes, em atitude de fidelidade dinâmica aos Fundadores, como nos pediu o Vaticano II.

2.2. Profetismo-Carisma-Missão

Ao retornar às origens descobriremos — no fundo de toda intuição fundacional — o desejo apaixonado de **SEGUIR JESUS CRISTO NA HISTÓRIA**, continuando sua **MISSÃO LIBERTADORA**. As formas de fazê-lo variam através dos tem-

pos. Mas o “**PRO-SEGUIMENTO**” da Pessoa, Mensagem e Projeto de Jesus de Nazaré, Filho de Deus e de Maria, constitui, sem dúvida, o **eixo** de toda Vida Religiosa realmente comprometida. Nenhuma Congregação existe para si mesma. Ninguém nos fundou só para que buscássemos a vida fraterna em comunidade. A razão de ser da V.R. moderna é a **MISSÃO**, sem minimizar a experiência de Deus, a vida comunitária e os votos. Ao contrário, é a Missão que os deve dinamizar, enriquecer e fazer-nos descobrir e redescobrir que “somos “consagrados por Deus para o serviço dos irmãos” (3). Daí a estreita relação entre nossas origens carismático-proféticas e a Missão.

3. A grande opção de nossa Igreja

3.1. Acontecimentos proféticos

A Igreja da América Latina, fiel ao Vaticano II, procurou, em Medellín, fazer uma leitura do Concílio a partir de seu contexto. Essa leitura foi aprofundada em Puebla, com a ajuda da “*Evangelii Nuntian-di*”. Pode-se dizer com certeza que Medellín e Puebla constituem para nós **acontecimentos proféticos** na vida do Continente. Através deles se nos revela o “Rosto sempre novo do Deus Vivo”, que nos questiona e interpela com relação ao serviço aos irmãos, na dimensão de denúncia-anúncio-transformação.

Nessa linha — em fidelidade à tradição bíblico-profética que caracteriza a V.R. — apesar de todas as nossas acomodações, racionaliza-

ções e infidelidades na interpretação do Carisma — e em fidelidade também à Igreja Universal e latino-americana, **redescobrimos o mundo dos pobres**. Chegou até nós o clamor que Puebla, em 1979, denominou “claro, crescente, impetuoso e, nalguns casos, ameaçador” (P. 89). Num artigo recente, Dom Aloísio Lorscheider nos recorda “o caminho da V.R.”, através de três “modelos” que coexistem ainda hoje. Aí aparecem claramente a **opção pelos pobres** e a **inserção no submundo** como uma resposta profética às exigências do Brasil de hoje (4).

3.2. Uma nova resposta

Não se pode negar que a Vida Consagrada tenha procurado sempre

responder aos apelos de Deus nos clamores de seu povo. As "novas formas" (monaquismo, hospitalários, mendicantes, ordens apostólicas, congregações modernas, etc.), constituíram sempre uma "contestação evangélica" a um mundo em crise e uma "resposta profética" às exigências de uma realidade conflitiva.

Hoje, na A.L., essa resposta não se expressa através do nascimento de novas ordens ou congregações (apesar das muitas congregações autóctonas), e sim através de uma **NOVA FORMA DE VIDA RELIGIOSA** que surge na maioria das Congregações. Trata-se da **inserção no meio do povo, no sub-mundo dos pobres**. Não constitui uma maneira exclusiva nem excludente de solidariedade com os pobres, mas é, sem dúvida, a mais radical e semelhante à encarnação de Jesus Cristo. Como todo caminho de busca, tem desacertos, incoerências, falhas. Mas os ganhos e avanços são muito maiores. E o elemento fundamental que lhe dá origem, densidade e força profética, permanece vivo e atual: a participação na kénose de Jesus Cristo, através da presença e compromisso junto aos "Crucificados da História".

3.3. Nossas racionalizações

Hoje já não cabem racionalizações, titubeios ou sofismas com relação a "Quem são os pobres" entre os quais devemos inserir-nos. Numa reunião inter-americana de Religiosos no Canadá em que se discutia a questão há alguns anos, um de nossos melhores e mais coerentes teólogos respondeu à pergunta com uma respos-

ta bem simples: "Les pauvres... sont les pauvres!": "Os pobres... são os pobres!". Banalidade? Redundância? Não! Sabemos que por detrás da resposta está a imensa maioria dos homens e mulheres do nosso Continente. Não só pobres, senão "em-pobrecidos" de tantas formas e com tanta crueldade. Nelles, nessa situação de "extrema pobreza generalizada", encontramos as "feições concretíssimas" nas quais somos chamados a reconhecer "as feições sofredoras de Cristo, o Senhor, que nos questiona e interpela" (P. 31; cf. 32-39). A solidariedade com os pobres, dizia São Gregório Nazianzeno, **não é conselho, é uma lei**(5). Ela nos ajuda a redescobrir as fontes do Cristianismo e da Vida Religiosa nesse "lugar teológico" da revelação de Deus que são os pobres.

4. A Solidariedade com os pobres na Tradição da Igreja

A opção pelos pobres e a solidariedade com eles não é uma "invenção" nem um "modismo" da Igreja latino-americana.

Se vamos às origens da Igreja veremos que, em fidelidade a Jesus e aos apóstolos, a "Igreja dos Padres" se apresenta como a "Igreja dos Pobres". De fato, a palavra dos Santos Padres é muitas vezes mais forte e questionadora que a dos nossos teólogos da libertação. A redescoberta da Patrologia será, sem dúvida, uma fonte de inspiração cada vez mais fecunda para a Teologia da Libertação.

Para os Santos Padres, o pobre é produto de injustiça e dominação e, portanto, do **pecado**. O sofrimento dos pequenos evidencia — de modo trágico — o pecado dos poderosos. Chamado à libertação, o pobre se torna prisioneiro não por sua vontade e sim pela força. Por isso, sua existência contradiz o Plano de Deus que se torna seu “go’el”(6). O mesmo Deus, escreve São João Crisóstomo, é fiador e garantia do pobre, cobre sua falta de recursos. Por isso Ele nos envia aos pobres(7) para que visitemos, alimentemos e cuidemos a Jesus Cristo por meio deles: Cuidamos do mesmo Cristo na pessoa dos pobres(8).

Quando se penetra nos escritos dos Padres se percebe sua perspectiva nada assistencialista e claramente libertadora, ainda que, naquele tempo, não se fizesse um chamado concreto aos pobres para que eles mesmos se tornassem agentes de sua libertação. O que Deus quer, nos recordam eles, é um compromisso libertador: a ruptura das ligaduras com a injustiça: que se quebre todo jugo iníquo(9). Por isso, sem medo ao perigo, escreve Santo Ambrósio aos ministros, é preciso tomar a problemática da sociedade como um assunto a nós relacionado, do mesmo modo que Moisés aventurou a vida para devolver a liberdade a seu povo. Já que o povo procura a liberdade, a ajuda que lhe damos deve libertá-lo(10).

5. Solidariedade e inserção

Consciente de que “a imensa maioria de nossos irmãos continua vivendo em situação de pobreza e

até de miséria que se veio agravando” (P. 1134), a Igreja da A.L. reasumiu, “com renovada esperança na força vivificadora do Espírito, a posição da II Conferência Geral (Medellín) que fez uma clara e profética opção preferencial e solidária pelos pobres” (P. 1134).

É a partir de Medellín que o fenômeno da inserção da V.R. nos meios populares começa a criar raízes e a irradiar-se pelo Continente. Em Puebla se constata que “a abertura pastoral das obras e a opção preferencial pelos pobres é a tendência mais notável da vida religiosa latino-americana. . . . Os religiosos acham-se cada vez mais em zonas marginais e difíceis, nas missões entre indígenas, num trabalho humilde e silencioso. Esta opção não supõe exclusão de ninguém, mas, pelo contrário, uma preferência e aproximação do pobre” (P. 733).

Como consequência, se passa à revisão das obras tradicionais para uma melhor resposta às exigências da evangelização. O Voto de Pobreza recebe nova luz em contato com a pobreza dos marginalizados, chegando “à solidariedade, partilha, e, em certos casos, convivência com o pobre” (P. 734).

A redescoberta do **lugar social de Jesus**, a partir do qual Ele falou a todos; a fidelidade à Tradição da Igreja e às nossas origens fundacionais, exigiram da V.R. em geral e de muitos religiosos e religiosas em particular, **uma solidariedade mais efetiva com os empobrecidos através da inserção.**

Mas... não devemos todos viver inseridos em qualquer lugar?

É verdade que devemos encarnar-nos nas realidades onde realizamos a Missão. Mas é preciso deixar claro que, por coerência evangélica, só o faremos se nos situarmos na perspectiva de Jesus. E é também claro que para nós, na América Latina, a palavra **inserção** se refere à **encarnação no meio do povo**, à comunhão de vida com ele, o que supõe mudança não só de **lugar social**, senão também **geográfico e cultural**.

6. O fenômeno da inserção

6.1. Seu contexto

Para aprofundar nas raízes da inserção em relação com a solidariedade com os pobres, é preciso situá-la portanto no processo histórico — mais amplo da Igreja e do Continente. Mais ainda: na realidade global de um povo cristão e oprimido que vive situações profundamente conflitivas. Basta recordar no Brasil a questão da Terra, da má distribuição da renda, do Menor abandonado... Na América Central a ingerência norte-americana, a situação econômica e social, etc... Poderíamos percorrer toda a geografia latino-americana... Nela se percebe “à luz da fé, como um escândalo e uma contradição com o ser cristão, a brecha crescente entre ricos e pobres” (P. 28 e J.P.II). “O luxo de uns poucos converte-se em insulto contra as grandes massas” (P. 28 e P.P.3). Daí o clamor do povo que “nos leva a refletir sobre o grande desafio que nossa pastoral enfrenta, para ajudar o homem a passar de situações menos humanas e situações mais humanas. As

profundas diferenças sociais, a extrema pobreza e a violação dos direitos humanos — que ocorrem em muitas regiões — são desafios lançados à evangelização” (P. 90).

É no meio desse povo que se insere hoje a V.R. Assumir seu clamor, participar de sua vida e anunciar nessas regiões de Morte o Deus da Vida traz consigo a exigência de aprofundar as raízes da inserção.

6.2. Fundamento cristológico

O hino cristológico de Filipenses 2,6-11, lido dentro do contexto dos versículos anteriores, nos ajuda a situar a relação entre a inserção e a opção pelos pobres. Aí se encontra o **pressuposto cristológico da inserção**, que é o mesmo de toda experiência cristã: o Filho de Deus opta livremente pela condição humana. Se esvazia, se aniquila, fazendo-se servo obediente. Por isso o Pai O glorifica.

A seu exemplo, muitas comunidades religiosas assumem, como Ele, situar-se “no reverso da História”, inserindo-se no lugar da marginalização e injustiça, para continuar ali a Missão salvífica de Jesus.

Não se pode negar nem subestimar a realidade da inserção. “Sua importância e significação lhe vêm de sua inegável qualidade evangélica, ainda que não se possa dizer que quantitativamente tenha afetado a maior parte dos religiosos. E, entretanto, sua mesma existência (e persistência), é algo que não pode deixar indiferentes os outros religiosos. O fenômeno da inserção é um questionamento à totalidade da vida re-

ligiosa. O desafio da inserção é muito incômodo, não porque (como se pensa de maneira precipitada e simplista) se apresente como o único caminho possível para a vida religiosa, senão porque, a partir de sua perigosa radicalidade evangélica, sacode nossa maneira convencional de entender a vida religiosa e suas formas históricas de tornar-se presente na Igreja e na sociedade. A inserção é perigosa porque nos indica a todos 'a porta estreita' pela qual se deve passar, se queremos que a vida religiosa recupere seu dinamismo evangélico. E passar por essa porta significa 'assumir' todos os seus questionamentos"(11).

6.3. Uma nova mística

A partir do mundo do empobrecido a V.R. se abre a uma experiência espiritual profundamente evangélica: a da descoberta da Face de Deus na opacidade da carne em que Ele se revelou; mais concretamente, em tantos rostos através dos quais Ele nos pede conversão e seguimento histórico de Jesus, hoje.

A descoberta dessa "nova mística" conduz a uma decodificação dos elementos estruturais da V.R. (experiência de Deus, vida fraterna, missão, votos), na busca de novas configurações, "nas quais apareça o equilíbrio entre a maneira de 'entender-se' e a maneira de 'estruturar-se' como vida religiosa". Isso tem ajudado a muitas comunidades inseridas a irem "reencontrando a 'unidade' originária da vida religiosa (como memória viva e inquietante do Evangelho), sua presença específica **dentro** da comunidade ecle-

sial e seu **serviço** ao mundo e à sociedade em seus projetos concretos. A partir não de si mesma, senão de seu ser **enviada** (missão) a um povo concreto (encarnada nele, como Jesus) e dentro de uma Igreja Particular, a vida religiosa recupera a unidade de seu ser e de sua missão". É somente a partir desta perspectiva que se pode entender porque a inserção (encarnação) na vida do povo "é inseparável da luta pela libertação... e ato vivo de evangelização"(12).

É assim que a inserção nos ajuda a penetrar nas exigências de uma espiritualidade de síntese: oração-vida, contemplação na ação, na libertação, e, muitas vezes, na "contradição": uma espiritualidade que não esconde nem foge às tensões, crises e oposições, senão que as assume com paciência ativa, sabendo que "a tribulação produz a paciência, a paciência prova a fidelidade e a fidelidade comprovada produz a esperança" (Rm 5,3b-4).

6.4. Conseqüências

É importante retomar agora as três conseqüências que aponta Carlos Palacio, ao analisar a relação inserção-solidariedade com os pobres:

a) O processo da inserção em si mesmo e em suas repercussões na vida religiosa tem que passar por **etapas** que não podem ser queimadas nem suprimidas. Daí a necessidade de "aceitar seu caráter conflitivo e aprender a suportar a tensão de ter que vivê-la dentro de um processo que não é homogêneo". Isso supõe aprender a viver em meio à

contradição, numa situação de "êxodo-páscoa".

b) É preciso aprender a situar o momento atual da inserção no conjunto da vida religiosa, para entender o significado deste **momento de ruptura histórica** na sua evolução. Não como uma realidade psicológica ou como uma negação da tradição e sim como "o momento em que descobrimos que o antigo equilíbrio entre os 'conteúdos' (valores evangélicos, etc.) e as 'formas' (expressões ou figuras históricas) de vida religiosa vividas até agora, já não é 'sinal' (e portanto significativo) nem para os de dentro nem para os de fora". Daí a urgência de procurar expressões novas e inteligíveis na relação **conteúdos-formas**.

c) Torna-se necessário interpretar de maneira mais dinâmica a **identidade** da V.R. Assim como Jesus viveu a experiência de **tornar-se Filho** até alcançar sua plenitude, assim a V.R. tem que "deixar-se cristianizar no processo de inserção... sabendo que a identidade cristã se encontra quando a gente aceita perder-se; que a garantia da fidelidade não é uma afirmação cega e repetitiva do já conhecido, e que, portanto, a inserção da vida religiosa tem que chegar a ser, alcançar e conquistar historicamente o que já é, graça, dom e chamado de Deus" (13).

6.5. Questionamentos

Parece-me difícil acrescentar outras conseqüências a estas. É importante que todos os religiosos — inseridos ou não — nos deixemos interpelar por elas: questionar nossa

atitude diante do conflito, como cidadãos de um mundo conflitivo e conflitante e tendo sido formados para evitar, esconder e "espiritualizar" o conflito.

No que se refere às "novas expressões" da relação "conteúdos-formas" da vida consagrada, é preciso ter a coragem de perguntar-nos se realmente a **Vida Religiosa que estamos vivendo** (não a que idealizamos e descrevemos nos documentos congregacionais e eclesiais) é **SINAL** da "Novidade do Reino de Deus e do Deus do Reino"; da presença viva de Jesus de Nazaré entre nós e através de nós... Creio que muito da problemática vocacional que estamos vivendo, sobretudo com relação às Vocações populares, se situa aqui e merece ser aprofundada. Por isso seria bom questionar:

- nossa atitude diante do "Novo";
- nossos esquemas mentais;
- nossa compreensão do profetismo da V.R.;
- nossas seguranças e racionalizações com relação à opção pelos pobres;
- nosso estilo de vida e o exercício da Missão...

Finalmente, é preciso perguntar-nos em profundidade por **nossa experiência pessoal e comunitária de Seguimento de Jesus**: — O que ela significa para nós hoje? — Que desafios e exigências nos apresenta o **desejo** de entrar num processo de cristificação, de identificação com o Filho, Servo, obediente e disponível ao Pai e aos irmãos, para tornar-se

uma **práxis**? — Aceitamos perder seguranças? — Estamos dispostos a assumir as conseqüências da “kénose” que estão sendo vividas por tantos irmãos e irmãs que, no continente latino-americano estão entregando a vida pela Causa do Reino?

7. Inserção e testemunho profético

7.1. O que o povo espera da Vida Religiosa

Em março de 1984, em preparação à Junta Diretiva na qual foram celebrados os 25 anos da CLAR em Fortaleza, o Secretariado da CRB local fez uma preparação para a festa com as comunidades de base, durante a Novena de São José. Tudo girou ao redor da Vida Religiosa.

Foram feitas três perguntas ao povo. Quero retomá-las, com algumas das respostas dadas, para perceber as expectativas do povo com relação à V.R. Elas nos ajudarão a aprofundar nas exigências do testemunho profético.

a) 1ª pergunta: **Como deve ser o religioso para servir a Igreja dos pobres?**

Respostas:

— Deve ser participante da vida do povo, sentindo bem perto suas necessidades, assumindo o compromisso com o Povo de Deus.

— Deve ser exemplo de fidelidade e compromisso com a justiça.

— Deve ser sinal de uma vida melhor para todos.

— Deve ser “um” com os pobres, participando de suas lutas.

— Deve facilitar e ajudar a Igreja a voltar às suas verdadeiras fontes.

— Deve ser engajado na linha da libertação, e não um religioso que só se preocupa com rezar.

— Deve morar junto com o povo para ver e sentir seu sofrimento.

b) 2ª pergunta: **Como os religiosos podem imitar a Jesus dando também a vida pelo povo?**

Respostas:

— Engajando-se nas comunidades-povo, dando forças ao povo, acompanhando-o em sua caminhada, participando das reuniões das Cebs e outras reuniões.

— Ensinando a Palavra de Deus, transmitindo conhecimento e testemunho de vida.

— Dando sua vida, repartindo o que têm, ajudando a todos, sobretudo os que vivem na periferia.

— Participando e acompanhando o povo na hora da necessidade, sofrimento, dor e alegria, dando tudo de si no amor e cooperação; desinstalando-se à procura do povo, a exemplo de Jesus.

c) 3ª pergunta: **O que o religioso pode fazer junto com o povo?**

Respostas:

— Cuidar dos pobres como Nosso Senhor cuidou.

— Anunciar a Palavra de Deus, mostrar o plano de Deus ao povo.

— Engajar-se mais nas comunidades, aproximando-se mais do povo sofrido, para ver de perto seu sofrimento.

— **Lutar junto com o povo por sua organização e reivindicação de seus direitos.**

— Continuar nas comunidades. Amar as comunidades (povo), **ajudando e sendo ajudados pelas comunidades.**

— Resolver os problemas **junto com o povo, encontrando juntos soluções.**

— **Aprender com o povo:** os religiosos não devem querer ficar só com as explicações deles, mas devem querer aprender também o que o povo sabe. **O povo deve ajudar os religiosos para que aprendam com ele.**

Com relação à **Formação** dos futuros membros, uma comunidade responde:

“Os religiosos devem se formar junto com o povo, ouvindo e aprendendo do povo. Os seminaristas e freiras não devem ficar separados do povo no tempo da formação, para a gente conhecer sua vida e desejar seguir”(14).

Parece-me que as respostas, em sua linguagem simples falam por si sós. Não precisam ser muito comentadas e sim rezadas e partilhadas fraternalmente.

7.2. **O que os religiosos aprendem do povo**

Também aqui quero basear-me em “testemunhos” de três comuni-

dades inseridas (duas femininas e uma masculina), que vivem, há 13 anos, uma experiência de trabalho intercongregacional numa favela da República Dominicana. Foi apresentada — entre outras — na 14ª Assembléia da CLAR (Guatemala, 1985). Escolhi-a porque conheço bem o grupo e a caminhada que faz. Entre muitos outros aspectos, **sublinham como fruto da inserção no meio do povo:**

— **“A Missão passa a ser central. Nós a entendemos melhor, a partir da solidariedade com a causa dos pobres e interpelados por sua palavra, fé e vida.**

— Aprendemos a viver uma V.R. que dá mais valor às pessoas e aos projetos comunitários do que às ações de índole pessoal. **Aprendemos a ver o mundo em crucifixo e esperança.**

— Fomos relativizando posições com relação ao “nosso Projeto” e tomando mais consciência do que é absoluto e evangélico.

— Vai-se chegando à conclusão de que **o estável é a Fidelidade de Deus e o Seguimento de Jesus.**

— Chegamos a uma leitura do Evangelho mais como Boa Notícia para o pobre, passando de uma interpretação mais científica da Palavra de Deus a uma dada como sabedoria do povo.

— Passamos de um entender as Cebes como modelo de maior autenticidade na realização do Evangelho a um conceber seu **lugar profético dentro da realidade mais ampla de Igreja.**

— Chegamos a uma maior abertura às pessoas e a mais normalidade nas relações: aproximação ao pobre e aos valores populares. Inculturação.

— **A inserção nos ajudou a redescobrir o sentido da V.R. a partir de um maior aprofundamento e revitalização de nosso Carisma**"(15).

7.3. Mudanças operadas no povo pela inserção dos religiosos

É necessário destacar também este aspecto para perceber como uma verdadeira inserção pode repercutir na caminhada do povo. Retomo as observações do mesmo grupo. O Povo mudou:

— "De um envergonhar-se de ser do bairro se passa a uma tomada de **consciência de sua dignidade de pessoas**, individual e coletivamente.

— De uma **consciência ingênua** se passa a uma **consciência crítica**; de **objeto** se passa a ser **sujeito** do seu próprio destino.

— Chega a sentir-se, numa frase deles, que, 'no meio do lodaçal nasceu uma flor'. **Vai nascendo algo novo, uma sociedade nova.**

— **Dá-se uma nova experiência de compreensão de Deus, de Cristo, do Espírito Santo e de Maria.**

— **Nota-se a força da fé feita história**, e uma nova compreensão da Palavra na vida, **levando o processo libertador até um compromisso sócio-político**. Passa-se de uma fé individual e ausente da História a uma fé comunitária e histórica.

— Passa-se de uma Igreja do silêncio a uma Igreja da Palavra; de uma Igreja de submissão a uma Igreja de decisão...; de uma Igreja centrada em si a uma Igreja missionária; de uma Igreja de rezas e tradições a uma Igreja de compromisso; de uma Igreja individualista a uma Igreja que sentiu a tentação de ser líder hegemônica no bairro, e daí, posteriormente, passou a reconhecer a necessidade de sua colaboração dentro dos problemas do bairro e nas Organizações populares.

— **O povo chegou a uma compreensão mais clara da Vida Religiosa**"(16).

7.4. Quem é o Profeta? Quem dá testemunho profético?

Parece-me que é esta a pergunta: — Quem exerce o profetismo: só as comunidades religiosas? Só o Povo? Ou a **Comunidade cristã** formada por ambos?

De fato, parece existir uma **inter-relação testemunhal**, resultante da caminhada conjunta à luz de Deus; fruto de um deixar-se ensinar pelo Senhor, nesse lugar teológico que são os pobres, desde os começos da Igreja. E, ao mesmo tempo, de uma entrega incondicional ao Senhor no serviço e anúncio da Boa Nova aos pequenos que, por sua parte, a acolhem e fazem vida. Quanto mais a V.R. se deixa fazer pelo Senhor, como Maria, mais Ele a transforma num sinal evangélico, inteligível e transparente. Realmente, começa a nascer uma flor no meio de muitos bairros esburacados, cheios de lama e sem esgoto... É também uma ex-

periência de Deus mais radical e profunda, em meio a tentações e conflitos, naqueles que partilham sua vida e destino.

“De uma oração mais racionalizada se passa a uma oração mais contemplativa e comprometida; **uma oração que assume em fé, discernimento e abertura todos os conflitos que o projeto e a pessoa levam consigo**; oração não como obrigação imposta, senão como algo vital, para poder continuar por este caminho; oração mais comunitária e partilhada...”. E o grupo conclui dizendo:

“Ao longo do tempo fomos experimentando como o bairro é o **Deserto**: podemos encontrar a Deus nele, mas é também **lugar de tentação**. Ao lado de uma nova e rica experiência de Deus, sentimos a tentação de acreditar que se chegou à plenitude; pensar que estamos no lugar correto; certa auto-suficiência e autoafirmação; cansaço, fuga, desânimo; agressividade diante das tensões. Mas, não obstante, é um caminho sem volta atrás: ou você se nega a si mesmo ou se nega a continuar caminhando. (...) **Fomos entendendo que é inerente a esta V.R. a presença do conflito em distintos níveis**. Descobriu-se que o Reino se concretiza numa determinada luta, ao experimentar grandes limitações em sua realização: no plano organizativo; na força das tradições, critérios de efetividade e no temor; enfim, na cruz da dureza do trabalho. Diante de tudo isso se experimenta mais a necessidade de uma Comunidade Religiosa, sem a qual este projeto do Reino se torna impossível, mesmo no meio das li-

mitações de toda comunidade humana.

... Aumentou o fortalecimento da corresponsabilidade do Projeto entre as três congregações religiosas e os leigos”. E concluem, sublinhando a esperança de que **“a opção pelos pobres deixe de ser um problema na V.R. e passe a ser a opção da Vida Religiosa”**(17).

O testemunho fala por si mesmo.

Por meio dele o Senhor nos interroga fortemente — em qualquer contexto de Vida Religiosa. Escutemos... Respondamos...

É TEMPO DE ESPERANÇA!

Estamos no Advento, tempo de esperança. E, ao mesmo tempo, somos conscientes de que estamos vivendo “a hora”, no sentido pascal, em nosso continente latino-americano.

Liturgicamente nos preparamos para a vinda do Verbo que arma sua tenda de campanha no meio de nós, para fazer conosco o caminho de Deus com a humanidade.

A sua luz, como vimos, adquire pleno sentido a **opção profética da Igreja e da V.R. pelos pobres**. Ele se encarna. A pergunta que nos fazemos não é a de “se isso é digno do Filho de Deus”, e sim “porque o Filho de Deus se encarna”.

É porque sabemos o motivo pelo qual Ele se encarna que queremos inserir-nos, em atitude de solidariedade e partilha fraterna, assumindo sua “kénose”. Sem a preocupação de ser “sinais proféticos”. O teste-

munho é questão de "transparência" e não de "aparências". Quando se vive em profundidade, ele grita, no silêncio, que o Senhor está presente, sobretudo em situações de marginalização, morte e "aparente" ausência do Deus da Vida.

Na Liturgia do Advento adquire especial relevo a figura de MARIA.

O Profeta, como se disse, é o homem ou mulher de uma só fidelidade a Deus e ao Povo. João Paulo II no-lo recordou em janeiro de 1985, na homilia aos Religiosos da Venezuela:

"Na Virgem do Magnificat há duas fidelidades estupendas que marcam também vossa vocação: uma fidelidade a Deus, a seu projeto de amor misericordioso, e uma fide-

dade a seu povo. Sede também vós fiéis a Deus e a seu Projeto; sede fiéis ao vosso povo"(18).

Que Maria de Guadalupe — mulher índia e mestiça — a mulher grávida do Apocalipse, que vai dar à luz o homem novo — nos inspire e fortaleça nessa dupla fidelidade que é, no fundo, uma só. Fiéis ao Deus que faz História com seu Povo, ajudemos a transformar a UTOPIA DO REINO em TOPIA, como Ela proclamou em seu Canto, que é o da libertação de todos... Para que, como profetizou Isaias (2, 1-5), todas as gentes acorram ao monte do Senhor. Para que aprendamos seus caminhos de paz e justiça. Para que caminhemos à luz do Senhor, realmente comprometidos na libertação de nosso povo!

NOTAS

(1) Cf. a este respeito e ao que se refere à Releitura do Carisma, meu artigo em **Nosso Boletim** nº 2, CRB/SP, 1986, p. 4-10. (2) Cf. V. CODINA, **Qué es la Teología de la liberación?** Oruro, CISEP, 1985, p. 29. (3) Cf. a este respeito, meu folheto **Vocação e Consagração**. Rio, CRB, 1974. (4) Cf. **A dimensão profética da V.R. no Brasil**, em **Convergência**, abril de 1986, p. 170-172. (5) Cf. **Sobre o amor aos pobres**. MG 35,909. (6) Cf. G. MÚGICA, **Los Pobres en los Padres de la Iglesia**. Lima, CEP, 2ª ed., 1978, p. 9. (7) Cf. S. J. CRISÓSTOMO, **Sobre a Penitência**. MG, 49, 333-334; Cf. **Homilia 35,5**. (8) S. G. NAZIANZENO, **Sobre o amor aos pobres**, *lug. cit.* (9) Cf. G. MÚGICA, *ob. cit.* p. 12; S. AMBROSIO, **Livro sobre Nabot**, ML 17, 780; 779. (10) Cf. **Sobre os deveres dos ministros**. ML 16,67-68; cf. também **Sobre o Livro de Tobias**, ML 800. (11) C. PALACIO, **Reflexiones teológicas en torno a la inserción** no **Boletín CLAR** nº 7-8,

julio-agosto de 1985, p. 5. (12) Cf. *ib.*, p. 5-6. (13) Cf. *ib.*, p. 7. Cf. tb. J. B. LIBANIO, **As grandes rupturas sócio-culturais e eclesiais na VR**. Rio, Vozes/CRB, 2ª ed., 1981. (14) Folha policopiada distribuída na reunião de Fortaleza em abril de 1984. Sublinhado meu. (15) Cf. **Boletín CLAR** nº 9, setembro 1985, p. 19-20; 21. (Sublinhado meu). (16) Cf. *ib.*, p. 18-19. O sublinhado é meu. N.B.: é muito interessante perceber toda a experiência, tal como é relatada no Boletim da CLAR: 1. **História** (caracterização; motivações; acontecimentos significativos, mudanças no povo e na comunidade religiosa, na congregação e em nível pessoal). 2. **Apoios** (relações, obstáculos; aprendizagem. Desafios). 3. **Esperanças**. (p. 15:26). (17) Cf. *ib.*, p. 21; p. 26 (sublinhado meu). (18) **Mensagem aos sacerdotes e religiosos**. Caracas, 28/1/1985 em SIC, 472, Centro Gumilla, Caracas, 1986, p. 90. □

PESSOA E CULTURA MODERNA NA FORMAÇÃO PARA A VIDA RELIGIOSA HOJE

IV — VIDA RELIGIOSA E EVANGELIZAÇÃO DO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ

Rio de Janeiro, RJ

A). A missão de evangelizar

O sentido e a perspectiva da vida de Jesus Cristo explica e ilumina o sentido e a perspectiva de nossa vida de consagrados para a missão. Ele veio para **evangelizar** (Lc 4,16-21). Ele o fez pelo mistério e realidade de sua vida: sua entrada e presença na história, sua palavra e sua ação, seu sofrimento e sua morte, sua ressurreição e o dom de seu Espírito. Para levar adiante esta missão ele vocacionou, formou, confirmou e plenificou os apóstolos e os enviou também a evangelizar o mundo inteiro (Mt 28, 18-20). Evangelizar é a razão de ser da Igreja em todos os tempos e latitudes. Evangelizar é o que catalisa, e dá rumo a todas as vocações e serviços, aos carismas e ministérios dentro da própria Igreja. O que é **evangelizar**?

Evangelizar é **anunciar**. É partilhar com todos o dom deste Deus de Jesus Cristo que toma a iniciativa de se manifestar à humanidade como

amor e comunhão; Deus que estabelece para sempre a aliança conosco e no seu amor feito perdão nos salva e nos liberta em e por Jesus Cristo. Este anúncio acolhido na fé alicerça em nós a esperança. Abre-nos à relação de amor na gratidão para com este Deus que nos ama, lança-nos à paciente construção da verdade e da justiça no amor entre nós, sem o qual não é grato a Deus o nosso amor por Ele.

Evangelizar é também **testemunhar**. Desde os primórdios da vida cristã e já a partir do dia mesmo de Pentecostes, os apóstolos entendem que só o testemunho claro, firme e corajoso, dá credibilidade ao anúncio. (At 2,14-39; 3, 12-26; 4, 9-26. 31.33). Testemunhar é assumir de público na vida as consequências tanto da relação profunda com o Deus que se anuncia, como do alcance e conteúdo de Sua mensagem que se transmite. Testemunhar é viver e professar na coerência de fé e vida o dom que em Je-

sus Cristo nos é feito pelo Pai e se torna fecundo em nós pela ação do Espírito.

Anúncio e testemunho mutuamente se iluminam e se completam. O anúncio explica e justifica, postula e urge o testemunho. O testemunho dá ao anúncio credibilidade e consistência. Evangelizar é integrar anúncio e testemunho e viabilizar por aí o **apelo** a que outros muitos conheçam o Deus de Jesus Cristo e reforçar a **motivação** para que o sigam em suas vidas.

Evangelizar é também **interpelar**. A fé cristã não se reduz a conteúdos de pensamento e a normas de comportamento. Não se alimenta apenas do saber no conhecimento da mensagem ou do fazer no cumprimento do preceito. A fé cristã situa-se primordialmente ao nível da relação interpessoal com o nosso Deus. Esta relação exige um crescimento constante na comunhão de afetos, de valores e de projetos entre nós e Deus e também entre nós mesmos como pessoas de fé no contexto humano das comunidades. Toda evangelização pois, conduz a pessoa a uma constante dinâmica de conversão e urge a comunidade ou a sociedade à transformação. Conversão e transformações contínuas abrem à evangelização espaço para a sua fecundidade inesgotável. Só por elas se torna possível em nossas vidas de indivíduos e de grupos a construção incoativa do Reino de Deus destino divino do projeto humano. A plenitude transcendente para a qual rumamos será resposta definitiva e plena à teleologia consciente, mas impotente, de nossas aspirações imanentes mais exigentes,

mas que aqui permanecem inatingíveis.

A evangelização não se faz em abstrato nem se desenvolve em contextos uniformes. Pelo contrário. Ela se depara sempre, no tempo e no espaço, com realidades concretas e diferenciadas, tributárias de processos históricos distintos e, não raro, contrastantes. A evangelização se destina a pessoas e grupos situados e radicados nessas realidades e marcados, portanto, por diferenças significativas. Por isso, o esforço de evangelização não pode ser definido de uma vez por todas. Não há um método, um modelo ou paradigma imutável que se possa fixar no tempo ou uniformizar no espaço. A evangelização exigirá sempre uma constante e solícita atenção dos evangelizadores às realidades pessoais e sociais, culturais e políticas, econômicas e ecológicas e, particularmente, uma sensibilidade e respeito à evolução histórica das pessoas e comunidades que se abrem à escuta e à vivência da Boa Nova. É nesse amplo e diversificado quadro de referências, que o processo de evangelização irá ler, analisar e interpretar as conjunturas vividas por indivíduos e grupos, por sociedades e comunidades. É em função e em consequência desta percepção que a evangelização poderá fazer-se sempre mais adequada, enquanto anuncia e testemunha a mensagem, a partir, porém, das condições sócio-culturais de sua inteligibilidade e assimilação por aqueles que são evangelizados.

Nas palestras precedentes demos conta de alguns elementos mais significativos do mundo em que vivemos. Vimos como proporcionar a

elas a índole e a marcha da formação inicial e permanente em nossa vocação de religiosos. Nesta conferência sobre a vida religiosa e a evangelização do mundo contemporâneo, desejo, a um tempo, individuar alguns traços fundamentais da realidade atual de mundo e sugerir algumas pistas de evangelização. Estas poderão ser repensadas e redimensionadas, ao nível da presença e ação evangelizadora da Congregação, no quadro concreto das realidades em que se encontra, de modo a fornecer-lhe elementos para um plano ou projeto de ação apostólica no futuro próximo.

Há uma interrelação e interdependência entre a situação interna da Igreja, e, portanto, também de nossas congregações e as situações do mundo real em que a Igreja se insere. Este mundo real, por sua vez, é complexo e amplamente diversificado. Creio que, em termos de método, pode ainda ajudar-nos ter presentes as ênfases de problemas vividos pelos chamados Primeiro e Terceiro Mundos, respectivamente. Ninguém nega ou subestima as coincidências de tais problemas em uma e outra destas áreas. Problemas típicos de Terceiro Mundo emergem também aqui e ali no Primeiro Mundo e vice-versa. Há, contudo, uma certa continuidade e especificação da problemática, da qual me servirei para delinear o objeto deste trabalho. Tenhamos presente porém que, dada a interdependência das sociedades e culturas no mundo atual, não podem ser tratados em isolamento e dissociação os universos distintos, mas mutuamente condicionantes e interpenetrados, do Primeiro e do

Terceiro Mundo. Não farei maior menção do Segundo Mundo (o universo socialista-comunista) porque creio que a Congregação não opera em áreas dominadas hoje por esses regimes. A influência destes, contudo, se reflete nos outros dois mundos e é ponderável em termos globais na humanidade atual.

B). A Igreja que hoje deve evangelizar

Antes de olhar a realidade do mundo que nos toca evangelizar, vejamos brevemente a Igreja que deve e quer evangelizar. Não há como negar a comunhão e continuidade entre a Igreja que hoje somos e a Igreja Católica de suas origens a esta parte. Um relance porém, sobre as diversas fases da história, nos mostra a diversidade desta Igreja em períodos distintos de sua vida. É a mesma, una e católica, sim, mas é tão diversa a Igreja dos tempos apostólicos e a Igreja pós-Constantiniana, quer a consideremos em sua vertente de definição e expressão doutrinal e cultural, quer em suas modalidades de organização institucional. É inegável o contraste entre a Igreja medieval das Sumas e das Catedrais e a Igreja decadente dos Papas de Avinhão até à vigília do século XVI. A partir daí, configura-se com Trento e em resistência à Reforma protestante uma Igreja forte e definida. Ela constrói a uniformidade de doutrina, de liturgia, de disciplina, de formação do clero e de difusão missionária. Esta Igreja que se consolida na época dos descobrimentos, pelos europeus, de outras terras e continentes, perdura até o Concílio Vaticano II sem gran-

des alterações em seu modelo básico.

Ela não se nega como Igreja nem desautoriza o seu passado. Mas ela sente na segunda metade deste século a necessidade urgente de responder aos reclamos de um mundo que a vê sempre mais dissociada de seus anseios e problemas. A Igreja no Vaticano II, fiel à Igreja de sempre, redescobre e contudo valoriza aspectos significativos de sua vitalidade. Recupera dimensões eclipsadas ou mesmo reprimidas em um recente passado histórico. A constituição apostólica **Lumen Gentium** e os vários documentos conciliares que gravitam em torno dela apresentam ao mundo uma fase eclesial promissora e próxima. Por mais que tentemos aproximá-la do Concílio de Trento ou do Vaticano I, não há negar que esta Igreja pós-Vaticano II se compreende mais solidária, colegial e participativa; sem perder a confiança em sua verdade, ela passa a compreender e respeitar outras formas de manifestação religiosa e se abre a uma perspectiva ecumênica em relação a elas. Há muitos outros aspectos e expressões desta nova postura eclesial. Não é o caso de estarmos a repetir o que é hoje adquirido. Destaco apenas a relação entre a Igreja e o Mundo moderno, que se constitui num dos pólos mais decisivos inovadores desse concílio, traduzido pela constituição pastoral **Gaudium et Spes**.

Com os Sínodos Mundiais dos Bispos e as visitas papais há desde o Concílio uma percepção maior de diversidade das Igrejas Locais. Há uma consciência crescente da presença efetiva da Igreja em regiões e

cultura díspares que nos dão a perceber uma Igreja efetivamente mundial e não mais hegemonicamente européia ou ocidental. Estas várias Igrejas Locais se farão ativas no estudo de seus próprios problemas e na tentativa de dar-lhes resposta a partir do espírito do Concílio. As Assembléias Episcopais de Medellín (1968) e de Puebla (1979) na América Latina são uma boa amostragem desta leitura contextual do Vaticano II e da redistribuição pastoral da Igreja em consequência. Mas também as Igrejas da África se afirmaram na sua busca de uma evangelização mais consentânea com as identidades culturais de seus povos. As Igrejas da Ásia abriram-se à difícil problemática de sua condição minoritária em meio a universos religiosos milenares e ricos de tradição oral e escrita e intimamente vinculada à organização social e cultural de suas densas populações. No contexto europeu ocidental, esta mesma Igreja experimenta o cansaço e a indiferença de muita gente trabalhada pelo consumismo e pela abundância de recursos materiais. Circulando entre símbolos e monumentos de um passado intensamente cristão, muitos sentem aflorar um distanciamento afetivo e conceitual em relação a tudo isto, distância marcada pelo secularismo e pela rejeição, pelo ressentimento e pelo ceticismo face à proposta religiosa, em geral e a do cristianismo em particular. Na América do Norte, é diferente a situação das Igrejas do Canadá de expressão francesa de um lado e a dos Estados Unidos ou do Canadá de expressão inglesa, do outro lado. Aquela começa a recuperar-se de uma crise profunda que a

abalou na sua compacta homogeneidade pré-conciliar. Estas manifestam hoje, ao lado de faixas fortemente contestárias e desafiadoras, toda uma nova vitalidade. Desta é um indicador significativo o processo de ampla auscultação e envolvimento de toda a sociedade que marcou a preparação das duas recentes cartas pastorais, uma sobre o problema da paz na era nuclear e outra, ainda em fase de elaboração, sobre a economia americana e seu alcance internacional.

Em todas estas modalidades de transformações profundas, que poderiam ser ainda muito ampliadas e facilmente documentadas, percebe-se uma Igreja alerta, criativa em seus métodos e processos de viver e transmitir a mensagem evangélica; uma Igreja sensível à sorte e aos dramas da humanidade, comprometida com o sentido da vida e atenta às perversões desta vida pelo pecado individual e social. Este assume formas trágicas de fome, opressão e violência; de injustiça e desigualdade; de guerras, drogas, corrupção, discriminação e marginalização; de erosão de valores e destruição da família, em meio a um consumismo incontido e a um pansexualismo industrializado. Tudo isto torna sumamente difícil a evangelização hoje e constitui um dos maiores desafios históricos à missão da Igreja em todos os tempos.

Neste contexto, a vida religiosa consagrada experimenta hoje vitalidade interna em muitos Institutos Religiosos. A convite da própria Igreja hierárquica e em decorrência do Concílio (*Perfectae Caritatis* e

Motu próprio *Ecclesiae Sanctae*, Capítulos Especiais e elaboração de novas Constituições, além da inserção mais profunda nas Igrejas locais) tantas Congregações redescobriram intuições originais dos fundadores e fundadoras, enfoques perdidos ou esbatidos ao longo dos tempos ou disciplinarmente esvaziados pela própria legislação canônica da Igreja. Esta vitalidade do projeto religioso convive porém, com uma substancial redução ou envelhecimento de quadros nos países ocidentais mais desenvolvidos e com uma irrecuperável defasagem entre os desafios e necessidades apostólicas que se apresentam sempre mais e a carência de pessoal, sem esquecer todavia a tímida mas constante retomada vocacional dos últimos cinco anos. É fundamental ter presente este conjunto para considerar realisticamente a viabilidade, modalidade e qualidade de nosso serviço à Igreja na evangelização de nossos irmãos e irmãs no mundo concreto e complexo que passamos agora a focalizar.

C). O mundo que hoje deve ser evangelizado

Caberia mencionar aqui muitos elementos já indicados e trabalhados nas conferências precedentes. Deveriam, contudo, ser recapitulados oportunamente, em função do objeto específico da presente palestra: a **evangelização**. Sem me prender a pormenores de análise, desejo elencar **três** características maiores da realidade mundial de hoje, nas áreas sobretudo em que a Congregação trabalha.

a) O universo ocidental, moderno-contemporâneo

Ele se estende pelos países europeus e norte-americanos e se alastra também em segmentos significativos da vida urbana de muitos países do Terceiro Mundo, particularmente na América Latina. Seus traços distintivos são decorrências da modernidade: a secularização e o pluralismo, a ideologia e a racionalidade instrumental, a vinculação mutuamente alimentadora de ciência e tecnologia e a mudança acelerada. Este contexto sócio-cultural é vivido numa indiferença tácita em relação ao Cristianismo como proposta religiosa e num esvaziamento axiológico que conduz por vezes à rejeição explícita de valores humano-cristãos fundamentais. Este universo economicamente saturado de bem-estar e de opulência tende por um lado, a fechar-se sobre si mesmo numa atitude de auto-preservação e auto-suficiência. Isto o leva a um relativo desinteresse ou a uma sensibilidade meramente beneficente, paternalista e, de fato, ineficaz, em relação à solução dos problemas graves vividos por vastas populações do Terceiro Mundo e que logo veremos. Por outro lado, essa mesma atitude de auto-conservação e auto-suficiência leva este universo concentrador de poder político e econômico a exacerbar a sua própria defesa. Ela se expressa em termos militares pela confrontação Leste-Oeste e pelo condicionamento a ela da corrida armamentista e nuclear. No Terceiro Mundo, esta atitude é geradora das formas institucionais de opressão e violência na cidade e no campo.

Muito do que dissemos nas outras três palestras em relação à formação inicial e permanente para a vida religiosa neste contexto de realidade pode ser retomado aqui em função da orientação a ser dada à evangelização. Não vou repetí-lo. Sublinho, porém, alguns pontos dos quais outros dependem. A evangelização deste universo ocidental moderno contemporâneo deve promover e/ou ter presente:

- a índole pessoal-relacional de nossa percepção do Deus de Jesus Cristo e de nossa interação com Ele;
- o caráter gratuito da economia do dom que distingue a revelação deste Deus e seu desígnio de amor-perdão e de libertação em relação a nós;
- a vinculação possível entre muitos elementos do projeto humano de não poucas utopias seculares e o projeto cristão sobre a pessoa humana, no plano individual e social;
- a busca efetiva ou o restabelecimento em outras bases de uma hierarquia de valores humano-evangélicos, tais como a liberdade, a igualdade, a fraternidade, a verdade, a justiça, a solidariedade e o amor;
- a articulação de fé e vida que se traduz no nível pessoal pelo empenho de conversão, pela formação de convicções e pela coragem do testemunho coerente;
- a articulação de fé e vida que se manifesta no nível social pela consciência da responsabilidade

sobretudo dos países afluentes em relação à viabilidade da promoção da paz e da justiça no mundo, algo incompatível com a atual organização internacional do poder político e econômico e com a situação insustentável da esmagadora maioria da população mundial;

- no plano racional, a educação e aprimoramento da consciência crítica que permita atitudes dialógico-dialéticas no contexto de um universo pluralista e conflitante, inevitável e irreversível;
- no plano espiritual, a formação da atitude e da prática do discernimento que situe o cristão realisticamente neste mundo e o leve a pautar suas opções por critérios evangélicos;
- a articulação de uma perspectiva eclesiológica que permita à Igreja, mantendo a fidelidade a si mesma, situar-se com propriedade num mundo radicalmente diverso daquele em que ela, Igreja, foi institucionalizada, mundo que ela plasmou e conduziu por tantos séculos.

b) O universo periférico do Terceiro Mundo

Ele se estende pela maioria dos países do hemisfério sul. Estes são chamados periféricos em relação aos países do centro, às regiões desenvolvidas anteriormente consideradas. Periféricos, não menos, por não terem peso maior nas grandes decisões sobre os destinos da ordem internacional. Entre as características

principais do universo periférico está a profunda religiosidade de seus povos, com traços não raro mágicos e fatalistas. Esta religiosidade, ao mesmo tempo que é sincera e indissociável da concepção de vida destas populações, é por elas considerada legitimadora do tecido social radicalmente injusto que marca boa parte deste mundo periférico. São sociedades subordinadas aos interesses do mundo desenvolvido e conduzidas por pequenas minorias oligárquicas nacionais ou internacionais do poder político e/ou econômico. Em quase todas estas regiões é bem vincado o fosso entre esta minoria e a ampla base de populações carentes das mais básicas necessidades humanas: alimentação, saúde, habitação, educação, segurança e trabalho. A injustiça que se verifica na organização da sociedade não é episódica ou conjuntural. É estrutural, aprofundando sempre mais a assimetria e as grandes disparidades entre regiões, grupos humanos e indivíduos. Esta injustiça social se manifesta sobretudo através de três canais presentes em todas estas sociedades periféricas.

Primeiro, a pobreza que se reproduz e se agrava quer em função da concentração de poder político e econômico dentro destas sociedades quer da condição de radical dependência delas em relação aos países do centro.

Segundo, a opressão que estratifica, discrimina, marginaliza e exclui seja da distribuição da renda nacional, seja da participação a nível interno e externo na vida político-econômica, seja da igualdade de oportuni-

dades e da mobilidade social, segmentos inteiros da população. Esta opressão pode ter também raízes culturais e se manifestar em relação a grupos étnicos específicos ou também em relação à mulher, aos camponeses, aos pobres, aos menores abandonados.

Terceiro, a violência institucional, que é decorrência das características mencionadas e, ao mesmo tempo, é realimentadora das mesmas. Esta violência se encontra na própria organização e configuração das instituições sócio-políticas que geram ou exasperam a violência. Mas ela se manifesta também, ao nível individual, com a insegurança das pessoas frente à delinqüência generalizada, e ao nível político internacional, com a exploração de focos permanentes de tensões. Aí, através de guerras setoriais e localizadas, faz-se o jogo das grandes potências, exacerba-se a confrontação fanática e suicida de tantos grupos ou se testa e se consome a novidade dos produtos da indústria bélica, tudo isto com o sacrifício impune de milhares de vidas humanas.

A evangelização nestas regiões supõe algumas orientações fundamentais que elenco em seguida, sem pretender ser exaustivo:

- uma aguda percepção e análise desta realidade, seja em termos de levantamento dos fatores e processos que as geram, seja em função de sua leitura à luz dos postulados bíblicos e dos princípios evangélicos; de modo algum se pode conceber hoje uma evangelização dissociada de uma tal percepção da realidade;

- uma clara mudança do lugar social por parte da Igreja; isto significa o esforço por ler, perceber, analisar, quando não viver a realidade dos pobres, isto é, dos que de fato constituem a imensa maioria destas populações;
- isto permitirá um processo de evangelização que, na articulação de fé e vida, conduza a uma transformação imperativa desta situação e a uma crescente libertação destes povos em relação à realidade desumana em que vivem e com a qual a Igreja não pode pactuar;
- uma lúcida apresentação do Deus de Jesus Cristo e de Sua mensagem; respeitando os elementos culturais da religiosidade popular e valorizando-os, esta apresentação há de ajudar aos próprios sujeitos da cultura a se libertarem dos elementos de passividade e conformismo, de fatalismo e subserviência, que constituem um empobrecimento ou desvio de seu potencial religioso e uma indevida plataforma de legitimação religiosa para a sua exploração pelo poder;
- a articulação de uma perspectiva eclesiológica que permita uma grande aproximação e comunhão entre as pessoas e os grupos, desenvolva o senso e a prática da participação e corresponsabilidade opressora, injusta e violenta de que falamos; as Comunidades Eclesiais de Base podem ter neste ponto um papel relevante e construtivo.

c) **O universo das grandes tradições culturais e religiosas não-cristãs**

Ele se estende sobretudo pelos países da África e da Ásia e por amplas regiões do Pacífico. Seus traços mais relevantes para a problemática da evangelização são, por um lado, a escassa minoria católica em meio a tradições amadurecidas no tempo e vividas por contingentes maciços da população autóctone; por outro lado, a dissociação que se verificou, na evangelização anterior, entre esta base cultural de origem e a cultura católica de marca ocidental, trazida e implantada como condição e mediação da expressão da acolhida e da vivência da fé. No momento atual de retomada da consciência das identidades culturais por tantos povos outrora colonizados pelo Ocidente, há uma sensibilidade aguda a este caráter estrangeiro que marcou o anúncio do evangelho e determinou os quadros de organização eclesial e as normas de comportamento e de culto.

A evangelização nestas regiões supõe entre outros elementos:

- a teologia e metodologia da inculturação e todas as suas implicações, quer na abordagem das culturas, quer na proposta criteriosa e gradual da mensagem cristã, quer no ritmo e no processo de ajustamento da cultura à mensagem, visando a um mínimo de rupturas e a um máximo de continuidade entre o projeto cultural autóctone e a expressão possível por ele do projeto cristão fundamental;

- a articulação de uma perspectiva eclesiológica em base a um lúcido discernimento que permita a construção de uma unidade profunda entre as Igrejas Locais conscientes de sua diversidade e uma abertura sadia para as outras culturas, sem involução, nem absolutização da própria cultura.

D). **Algumas prioridades entre os sujeitos da evangelização**

Se olhamos **prospectivamente** o processo de evangelização e nossa responsabilidade em relação a ele, penso ser urgente para a Igreja, em cada um dos universos acima indicados, concentrar esforços na evangelização dos **pobres**, dos **jovens** e dos **leigos**, homens e mulheres, enquanto vocação específica na Igreja.

a) **Evangelização dos pobres**

Antecipei grande parte do que aqui deveria dizer. Evangelizar os pobres corresponde à destinação primeira da vida mesma de Jesus Cristo (Lc 4, 16-21). Ele veio para isso. É importante hoje perceber a natureza estrutural desta pobreza. Seu agravamento vai gerando sempre mais pobres, impotentes para sair de sua pobreza radical. No entanto, por serem as vítimas da atual organização do mundo, são também os candidatos a pôr em movimento o processo de transformação. A evangelização deve dar-lhes a um tempo a consciência de que são eles os sujeitos e atores desta mudança e a certeza da insuficiência de uma transformação apenas no plano intra-terreno. Sua libertação e promo-

ção é parte integrante de sua evangelização. Assim como esta não se pode restringir às dimensões espirituais, assim a humanização dos pobres não se pode limitar aos bens materiais e aos valores imanentes. A opção preferencial pelos pobres que fez a Igreja na América Latina vai se tornando significativa para Igrejas de outras latitudes. Ela vai sendo melhor compreendida ao nível da ação pastoral e da solicitude por uma nova ordem internacional. Expressa-se não raro também na compreensão mais profunda da perspectiva da pobreza na vida consagrada tanto ao nível dos capítulos gerais, como nas comunidades religiosas inseridas junto aos mais pobres.

b) Evangelização dos jovens

Os países do Primeiro Mundo registram queda da natalidade e expansão da expectativa de vida. Acentua-se o envelhecimento da sociedade. Em função da terceira idade, procede-se à reorganização da vida, da publicidade, da produção e do mercado, do lazer e da cultura e bastante também da vida eclesial. Pelo contrário, é ainda grande o incremento demográfico no Terceiro Mundo e é baixa a expectativa de vida. Daí o fenômeno crítico de regiões cujas populações, em 50% ou mais, estão abaixo dos 21 anos. No Primeiro como no Terceiro Mundo, deve ser prioritária e é decisiva a atenção aos jovens na evangelização. Toca a eles levar adiante a vida. Só por meio deles as futuras gerações receberão a mensagem do Deus de Jesus Cristo e poderão por ela inspirar a construção de um

mundo mais humano e mais justo. Embora distintas as situações da juventude em várias latitudes, há traços comuns entre os jovens do mundo inteiro. No seu inconformismo, na sua resistência a toda forma de hipocrisia, massificação, injustiça e individualismo competitivo, há no coração dos jovens de hoje uma radicalidade direta e incisiva na busca da verdade e uma resistência a tudo o que lhes parece inautêntico. Seu desejo de liberdade como valor absoluto tem um caráter marcadamente existencialista e raramente escapa de exageros, de tensões e evasões. Ele constitui, porém, um lastro importante para a construção de um mundo mais fraterno e, por isso mesmo, mais aberto ao Evangelho. Não sem razão, os jovens são particularmente sensíveis à injustiça social e se fazem militantes de uma paz alicerçada sobre o respeito aos direitos fundamentais da pessoa humana e não sobre a confrontação dos arsenais militares.

De um ponto de vista religioso, os jovens manifestam:

- uma descoberta da Igreja como comunidade de fé e um menor interesse pela Igreja como instituição, com suas práticas e normas ou preceitos;
- uma valorização das vivências íntimas e profundas no plano afetivo e religioso que os abrem ao mistério e ao transcendente do ser humano e de Deus e um grande apreço pelas formas de oração e liturgia que criem espaço para a partilha e celebração destas dimensões;

- uma sensibilidade à Igreja do serviço, da denúncia profética, do testemunho corajoso e do compromisso solidário pela justiça;
- uma redescoberta de Jesus de Nazaré e de seu projeto sobre o homem e sobre o mundo, especialmente quando vivido em dimensão comunitária marcada pela esperança, pela verdade e pelo amor.

Do ponto de vista sociológico e religioso, os jovens representam um extraordinário potencial para a evangelização. De sua postura frente à vida dependerá o projeto futuro da família e da sociedade, como, de resto, o da própria Igreja.

c) **Evangelização dos leigos, homens e mulheres**

O modelo pastoral dos últimos séculos e uma longa tradição eclesial de tal modo privilegiou o clérigo que se criou no Povo de Deus a consciência de que a Igreja era uma instituição de Bispos, Padres e Religiosos ou Religiosas. Entre as modificações mais profundas que na Igreja se registraram após o Vaticano II, destaca-se a emergência dos leigos, homens e mulheres, como vocação cristã específica e significativa na comunidade eclesial. Cresceu sua participação apostólica sob muitas formas na ação pastoral da Igreja. O decréscimo em número de sacerdotes e religiosos, a maior proximidade da Igreja aos problemas da humanidade, sobretudo no plano da estrutura da sociedade e da ordem temporal, o incremento das Comunidades Eclesiais de Base em várias Igrejas Locais são todos

fatores que lançaram os leigos, homens e mulheres, no primeiro plano da ação evangelizadora. É fundamental qualificá-los (as) e prepará-los (as) sempre melhor para o desempenho de sua vocação e deixá-los (as) descobrir confiadamente os veículos e mediações mais adequadas à sua missão.

d) **Participação e valorização da mulher na missão evangelizadora**

Vai chegando ao fim toda uma longa tradição de passividade da mulher na Igreja, de influxo e domínio masculino na configuração e institucionalização das vocações e organizações femininas. A considerável contribuição de pesquisas e estudos sobre a mulher, sob os ângulos mais diversos, deu-nos a todos e às próprias mulheres uma consciência nova de seu valor e de sua significação e vai conduzindo a sociedade a transformações impensáveis há apenas algumas décadas. A presença das religiosas, especialmente nas Igrejas do Terceiro Mundo, sua atuação decisiva no esforço pastoral e no fomento das comunidades cristãs, sua colaboração lado a lado com as mulheres em outras frentes, abrem-nos à percepção de quanto é grande o potencial de uma nova evangelização das mulheres nestes termos: uma evangelização que as oriente para um papel ativo e diversificado na expressão da fé, no serviço e testemunho cristão, na promoção da justiça, na construção de um mundo de melhor qualidade de vida. Como no caso dos jovens, cabe assinalar o alcance insuspeitável de uma tal perspectiva apostólica, seja em termos da família e da

educação da juventude, seja no que toca o desempenho profissional qualificado da mulher em faixas até há pouco inteiramente fechadas a ela e nas quais o mundo se privou por séculos de uma contribuição cuja índole e cujo alcance ele começa apenas a intuir. Não é possível enfatizar bastante o que em termos de missão evangelizadora poderá vir a representar a vida religiosa feminina nesta nova perspectiva de presença da mulher e, no caso, da mulher plenamente devotada e consagrada à missão de evangelizar.

Conclusão

Estes quatro destaques — dos pobres, dos jovens, dos leigos, en-

quanto leigos com vocação definida e das **mulheres**, enquanto mulheres, numa perspectiva nova de presença e de ação — abrem-nos a urgências viáveis na evangelização do mundo de hoje e do próximo futuro. Este processo de evangelização deve ser atento à complexa realidade tão diversificada do mundo atual; deve abrir as pessoas e comunidades humanas à gratuidade do dom de Deus a nós em Jesus Cristo; deve articular a fé com a vida, na perspectiva eficaz de conversão da pessoa e de transformação da sociedade. Neste sentido, a Igreja que somos nós hoje estará levando adiante a missão de Jesus Cristo, missão de evangelizar, que é anunciar, testemunhar e interpelar. □

Condições para ser cristão

Bíblia — “Se alguém vem a mim e não odeia seu pai, sua mãe, sua mulher, seus filhos, seus irmãos, **não pode ser discípulo meu**”, Lc 14,26.

Leitor — Desapego afetivo e efetivo. **Prioridade** só Deus. Tudo o mais é secundário. Radicalidade. Ou tudo ou nada. A mediocridade está vetada.

Bíblia — “Se alguém quer me seguir, tome, cada dia, a sua cruz e siga-me. Quem não carrega a sua cruz e me segue **não pode ser discípulo meu**”, Lc 9,23; 14,27.

Leitor — Disponibilidade e prontidão para a cruz sempre que ela for inerente à realização da própria vocação.

Bíblia — “Quem sacrificar a sua vida por amor de mim, salvá-la-á. Se alguém vem a mim e não odeia, sim, até a sua vida, **não pode ser discípulo meu**”, Lc 9,24; 14,26.

Leitor — Coragem de pôr a própria vida em risco; perdê-la, mesmo, por Cristo. Não se pode condescender no essencial. Não há como manipular o Evangelho (Pe. Marcos de Lima, SDB).

ÍNDICE ALFABÉTICO POR AUTOR

CONVERGÊNCIA, ANO DE 1986

Este índice foi feito seguindo este critério: AUTOR. E abrange apenas o ano de 1986. O primeiro algarismo representa o número da revista. E o segundo, indica a página.

Ir. Yolanda Nascimento, MJC

Rio de Janeiro, RJ

ANJOS, Pe. Márcio Fabri dos — Sobre o Profetismo dos Votos Religiosos	193/299
ARNS, Cardeal Paulo Evaristo — Na abertura da XIV AGO DA CRB ..	197/528
ÁVILA, Pe. Fernando Bastos de, SJ — A Igreja e a nova constituição no Brasil	197/566
AZEVEDO, Pe. Marcello de Carvalho, SJ — ABBA — A Oração de Jesus	192/236
— A Oração de Jesus, referencial de nossa oração	191/159
— A Oração de Maria, intérprete da Palavra	189/56
— A Oração de Maria, testemunha da Palavra	190/121
— Originalidade e força da Oração Cristã	193/309
— Pessoa e cultura moderna na formação para a Vida Religiosa hoje	194/378
— Pessoa e cultura moderna na formação para a Vida Religiosa hoje	195/442
— Pessoa e cultura moderna na formação para a Vida Religiosa hoje	196/504
— Pessoa e cultura moderna na formação para a Vida Religiosa hoje	198/624
BAGGIO, Fr. Hugo D., OFM — O Profeta Jesus de Nazaré	191/146
BALDESSAR, Ir. Cecília — Cinquenta anos de Brasil. 1936-1986 (Informe da CRB)	189/13

BARRETO, Ir. Maria de Lourdes, FMA, ROSSATO, Ir. Adylles Augusta, ICM, ZANDONADE, Pe. Décio, SDB, RAMALHO, Ir. Antônio Carlos, M., FMS — Parecer sobre o Relatório de Atividades da CRB: 1983-1986	197/558
BEDIN, Pe. Olívio José, MS, REIS, Ir. Nair dos, MJC, BIAZUS, Fr. Jaime, OFMCap, MAC DOWELL, Pe. João Augusto Anchieta, SJ, ALOCHIO, Ir. Ilda Maria, J. SSma. Euc., GURGEL, Pe. Raimundo Benevides, SDB, GASCHO, Ir. Maria de Lurdes, CF. — Parecer do Conselho Superior da CRB, Triênio 1983-1986 (Informe da CRB)	198/587
BOFF, Ir. Lina, SMR — A Vida Religiosa como Vocação Profética no seio do Povo de Deus	196/493
BRUNELLI, Ir. Dellir — O Natal de Jesus: um sinal profético	198/603
CALIS, Ir. Eliane de, SDS — Primeiro Encontro Nacional de Pastoral da Saúde (Informe da CRB)	195/392
— Seminário Nacional de Saúde (Informe CRB)	189/5
CAREZIA, Ir. Ilario, FMS — Maria, Mulher Profética	192/211
CAVICHI, Ir. Therezinha e CRESTANI, Ir. Alfredo — CERNE XXI: é sempre tempo de recomeçar (Informe da CRB)	196/455
CERIS, Anuário Católico do Brasil — 1985 — O Contingente Sacerdotal do Brasil e sua distribuição (Informe da CRB)	191/142
CERIS INFORMA, nº 14/85 — As Religiosas no Brasil e sua distribuição (Informe da CRB)	192/204
CLAR — A Vida Religiosa na América Latina a 20 anos do Concílio Vaticano II	193/289
CNBB: "COMUNICADO MENSAL" Nº 396 — Sínodo Extraordinário dos Bispos: 1985. Documento final	193/259
CNBB/CRB — Ata da Reunião Conjunta da Presidência da CNBB e Diretoria Nacional da CRB (Informe da CRB)	198/584
CRB — EQUIPE DE REFLEXÃO TEOLÓGICA — Os Profetas Bíblicos interpelam a Vida Religiosa	189/14
— Respostas ao Questionário da Sé Apostólica em preparação ao Sínodo Extraordinário dos Bispos	193/279
CRB — REGIONAL DE FORTALEZA — Seminário para Formadores (Informe da CRB)	198/591
CRB — REGIONAL DE PORTO ALEGRE — Resposta da Equipe de Reflexão Teológica ao Questionário enviado pela CLAR em preparação à V Reunião Inter-americana de Religiosos (Informe da CRB)	191/133
CRB — REGIONAL DE SÃO PAULO — Juventude e Vida Religiosa, XXI Assembléia Geral Ordinária — CRB/SP. (Informe da CRB)	192/200
— Resposta da Equipe de Reflexão Teológica ao Questionário enviado pela CLAR em preparação à V Reunião Inter-americana de Religiosos (Informe da CRB)	191/136
CUNHA, Pe. Rogério I. de Almeida, SDB — A Conversão dos Religiosos	190/89

DAMMERTZ, Pe. Viktor — Intervenção na V Congregação Geral do Sínodo Extraordinário dos Bispos — 1985 (Informe da CRB) ..	194/324
FALQUETTO, Irmão Claudino, FMS — Abertura da XIV AGO da CRB	197/521
— Carta do Presidente da CRB Nacional aos Mosteiros Contemplativos (Informe da CRB)	196/451
— Encontro do Papa João Paulo II com a CLAR (Informe da CRB)	198/582
— Seminário de Superiores Maiores — Mendes, RJ — (Informe da CRB)	195/394
FASSINI, Pe. Ático, MS — CRB — Regional de Cuiabá. Assembléia de Fundação (Informe da CRB)	190/77
— CRB — Regional de Teresina. Assembléia de Fundação (Informe da CRB)	190/76
— XIV AGO da CRB — Visão de Conjunto	197/535
— Diretor da CRB Nacional é nomeado Bispo (Informe da CRB)	192/199
— Encontro anual da Diretoria e Executivos Nacionais com os Presidentes e Executivos Regionais da CRB (Informe da CRB)	190/69
— Reunião Conjunta da Presidência da CNBB com a Diretoria Nacional da CRB (Informe da CRB)	190/70
FERNANDES, Fr. José, OP — Jeito novo de ser Igreja	193/319
FREITAS, Ir. Lucília Maria de, SSD e LISBÔA, Pe. Paulo, SJ — O CETESP após a XIV Assembléia Geral (Informe da CRB)	198/589
FREITAS, Ir. Maria Carmelita de, FI — Os Religiosos no Brasil nos últimos 20 anos	194/353
— Os Religiosos no Brasil nos últimos 20 anos	195/421
— A tensão Carisma — Instituição na Vida Religiosa hoje	190/106
FURNO, Dom Carlo — Na abertura da XIV AGO da CRB	197/531
GARBT, Ir. Ivete — Irmãs Palotinas: 150 anos de fundação. Nova Província no Brasil (Informe da CRB)	194/327
GODOY, Ir. Circe de Almeida, FC — CRB — Regional de Belo Horizonte (Informe da CRB)	189/11
GUIMARÃES, Fr. Almir Ribeiro, OFM — A Força Profética das Comunidades Cristãs Primitivas	195/412
HAMER, Cardeal Jean Jérôme, OP — Homilia na XIV AGO da CRB	197/543
— Para reforçar a comunhão	197/526
— Ao Presidente Nacional da CRB (Informe da CRB)	198/582
— Vida Religiosa e Profetismo	198/599
HENRIQUE JUSTO, Ir. (Lassalista) — Notícias do CERNE XXX (Informe da CRB)	191/132
HORTAL, Pe. Jesús, SJ — Fundação de Institutos de Vida Consagrada (Informe da CRB)	198/592
IRMÃS DO "PRO-FOCO" II — Carta aos Mosteiros Contemplativos (Informe da CRB)	195/405

JOÃO PAULO II — O Diálogo precisa continuar, deve continuar, para uma comunhão afetiva e efetiva	195/387
— Comunhão e participação na missão	198/579
— A Doutrina Social da Igreja e os caminhos da libertação	190/67
— A Maria: o Dom do Concílio e os frutos do Sínodo	192/195
— Oração do Santo Padre com os jovens pela Paz	189/3
— Aos Superiores e Superiores Maiores do Brasil	197/515
KOLVENBACH, Pe. Peter-Hans, SJ — Intervenção na IX Congregação Geral do Sínodo Extraordinário dos Bispos — 1985 (Informe da CRB)	194/323
LAIN, Pe. Pedro, CP — Passionistas: 75 anos de presença missionária no Brasil (Informe da CRB)	196/460
LEERS, Fr. Bernardino, OFM — Profetismo na Vida Religiosa e o momento sócio-político no Brasil	196/479
LEFFA, Ir. Luzia — Companhia de Santa Teresa de Jesus. 75 anos de serviço à Igreja no Brasil (Informe da CRB)	194/328
LEONARD, Pe. Patrick, CSSp — Seminário sobre orientação espiritual para Formadores da Vida Religiosa e Diretores de Seminário (Informe da CRB)	196/453
LIBÂNIO, Pe. João Batista, SJ — Comunidade Eclesial de Base ..	191/175
— O papel profético da Vida Religiosa	194/331
LISBÔA, Pe. Paulo, SJ — CETESP, avaliando sua caminhada (Informe da CRB)	195/398
— XIX CETESP (Informe da CRB)	191/131
— CETESPISTAS no Inaciano (Informe da CRB)	195/400
LORSCHIEDER, Card. Aloísio — A Dimensão Profética da Vida Religiosa no Brasil	191/166
— Manhã de espiritualidade na XIV AGO da CRB	197/548
LORSCHIEDER, Card. Aloísio, LORSCHIEDER, D. José Ivo, SALES, Card. Eugênio de Araújo — Intervenções apresentadas por escrito. Sínodo Extraordinário dos Bispos	193/273
MARIA CECÍLIA, Ir., Passionista — Irmã Antonieta Farani, "A cantora do Amor" (Informe da CRB)	191/145
MARIA CECÍLIA, Ir., SMC — CRB — Regional de Belo Horizonte. Formação Permanente (Informe da CRB)	190/79
MARCON, Ir. Amélia, VIEIRA, Ir. Lídia, RIBEIRO, Ir. Lady e TONIOLO, Ir. Irma — Irmãs do Imaculado Coração de Maria em Nampula, Moçambique (Informe da CRB)	191/140
MASI, Pe. Nicolau, SX — Ideologia X Profecia	194/346
MATA, José Luís de — A crise do Religioso na Meia-Idade	192/252
MATOS, Frater Henrique Cristiano José, CFMM — As CEBs como profecia eclesial	191/185
McDONALD, Ir. Katherine — Intervenção na XIV Congregação Geral do Sínodo Extraordinário dos Bispos — 1985 (Informe da CRB)	194/325

MEMBROS DO GRE/Nacional — GRE: Aprofundando os passos de uma caminhada (Informe da CRB)	189/9
MOREIRA, Ir. Vilma, FI — A solidariedade com os pobres como testemunho profético	198/611
MOSER, Fr. Antônio, OFM — Inserção e Educação para a Vida Religiosa hoje	194/368
NICODEM, Ir. Nilza M., FDC — Relatório da primeira caminhada da Ir. Adelaide Molinari (Informe da CRB)	196/458
NERY, Ir., FSC — Catecumenato, Catequese, Vida Religiosa e Laicato	196/463
PALÁCIO, Carlos, SJ — Livros novos: Profetas do Reino	196/511
PEGORARO, Ir. Teresinha, CSJ — Seminário sobre Igreja e Democratização da Escola (Informe da CRB)	195/393
— Seminário de Religiosos Inseridos. Anápolis/GO (Informe da CRB)	189/7
— Seminário de Religiosos Inseridos. Manaus/AM (Informe da CRB)	189/6
PIAZZA, Pe. Clovis, SJ — Marginalizados ou Marginalizadores? (Informe da CRB)	192/206
PIRÔNIO, Cardeal — Oração a Nossa Senhora da América (Informe da CRB)	192/210
POLESI, Ir. Mathilde Maria, SSS — IV Etapa do Pro-Foco II (Informe da CRB)	195/402
V INTER-AMERICANA, 1985, EEUU — O Irmão Religioso (Informe da CRB)	192/205
ROCHA, Pe. Fr. Mateus, OP — O Seguimento de Jesus Cristo	192/242
SANTOS, Ir. Emília dos — Irmãs Dominicanas da Beata Imelda (Informe da CRB)	196/462
SÉ APOSTÓLICA — Questionário em preparação ao Sínodo Extraordinário dos Bispos sobre o Concílio Vaticano II	193/278
SETTIN, Pe. Pedro, Comboniano — Pe. Ezequiel Ramin, Paixão e Morte (Informe da CRB)	196/456
SOUZA, Pe. Marcelo de Barros, OSB — Os Religiosos e os problemas de terra	190/82
STORNILOLO, Pe. Ivo — Os Profetas e a experiência de Deus	189/30
VALLE, Pe. João Edênio Reis, SVD — Princípios inspiradores da Vida Religiosa inserida em meios populares (Informe da CRB)	190/74
VALLEJO, Ir. Silvia, ODN — Vida Religiosa: relação com o mundo e dimensão profética	189/42
WEILER, Lúcia e CAVALCANTI, Tereza — As mulheres profetisas no Antigo Testamento	192/225

O silêncio é sempre o acompanhante dos melhores momentos de nossa vida.

Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ
1 de dezembro de 1986

BOAS FESTAS DE NATAL! FELIZ E PRÓSPERO 1987!

O devir do homem ao longo do tempo é uma "peregrinação de descobrimento". A descoberta do **Mundo como legítimo valor religioso**, não obstante as ruínas do pecado, é um momento recente, rico e fecundo nesta caminhada. **O Mundo é criatura do Pai** e revelação de sua glória. É o **lugar da encarnação** do amor libertador do Filho. É o **caminho do futuro**, rumo a um ponto ômega como projeto em evolução, **por obra do Espírito**. A doutrina sobre a vocação e a missão do LEIGO se estrutura neste contexto.

Pensar o Mundo como Deus o criou, com suas leis, seus valores autônomos, a consistência de seus fins, com sua bondade nativa e congênita, é **LAICIDADE anterior e exterior à Igreja**. Pensar o Mundo como teatro da estupenda tarefa do homem na história, com sua dignidade pessoal, a solidariedade social, o trabalho, a ciência, a técnica, como espaço teológico de sua vida de fé, é **SECULARIDADE, a indispensável irradiação evangélica confiada ao leigo**, como membro sacerdotal, profético e real do Povo de Deus (1 Pd 2, 9). LAICIDADE E SECULARIDADE, bandeira de vanguarda a ser desfraldada por ele como resposta à iniciativa dialógica de Deus. Quanto mais se conhece o Mundo, assim entendido, e nele a trajetória do homem, mais se compreende que **Deus não pode ser senão amor**.

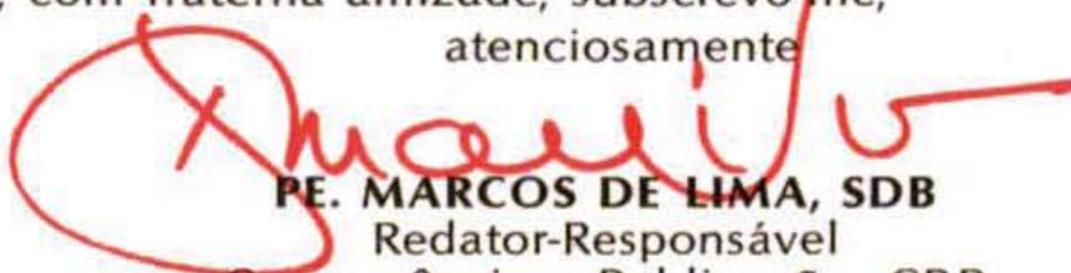
Por outro lado, o Mundo assim vislumbrado faz-nos imaginar, também, a Igreja não sob o tradicional figurino da pirâmide de estreita ponta (a hierarquia) e larga base (o laicato). Mas, sob inovadora configuração, ela se revela como **círculos concêntricos em expansão** no tempo e no espaço. Na linha mais exterior está o LEIGO, como potagonista, na fronteira do progresso e da transformação. **Bandeirante, pioneiro, bate-estrada, diplomata, apóstolo**. Representa, combate, avança, conquista. Recebe e doa. Sua multiforme atividade secular é expressão consciente e vital de liturgia a ser incorporada à Eucaristia de Cristo.

Do centro — o serviço do Ministério e o testemunho da Vida Religiosa — lhe advêm energia, estímulo e inspiração. **Hierarquia, Religiosos, Leigos**: comunidade eclesial, fecunda matriz de salvação. Comunhão mutuamente enriquecedora entre **vocações, tipologicamente, distintas, mas complementares e convergentes**, alimentada por concreta opção de empenhos, unidade de missão, e uma só espiritualidade de autênticos discípulos do Senhor.

Nossos Fundadores, imbuídos de forte sentido da história, perscrutaram as complexas vicissitudes do seu tempo, à luz da fé. Intuíram a laicidade e a secularidade como genuínos valores do Mundo. Previram profeticamente os tempos. E concluíram: **Deus ama, deveras, este Mundo**. E se alistaram estrategicamente para renová-lo na medida deste amor.

O **NATAL DE JESUS** é a prova irrefragável deste amor. "De tal modo Deus amou o Mundo que lhe deu seu Filho único", Jo 3, 16. Religioso, **Boas Festas de Natal! Feliz e Próspero Ano Novo!** Natal, noite de paz e de luz. Desçam sobre Você as bênçãos de JESUS.

Sempre ao seu inteiro dispor, com fraterna amizade, subscrevo-me,
atenciosamente



PE. MARCOS DE LIMA, SDB
Redator-Responsável
Convergência e Publicações CRB

P.S. Se não leu, faça-o, agora. Convergência, novembro/1986, rodapés das páginas 542 e 547. Alguma idéia sobre o LEIGO.